



REVISTA PACOPAR ESTARREJA 2009

pacopar

painel consultivo comunitário do programa actuação responsável

FICHA TÉCNICA

Edição: PACOPAR

Concepção gráfica: Tecnorégia, lda.

Impressão: Rebelo - artes gráficas, lda.

Foto Capa: Paulo Gandra

Fotografias:

[JVL] João Vidal Lemos

[RB] Rui Brito - EcoInside - www.ecoinside.pt

[JG] Jorge Gomes

[NM] Norberto Monteiro

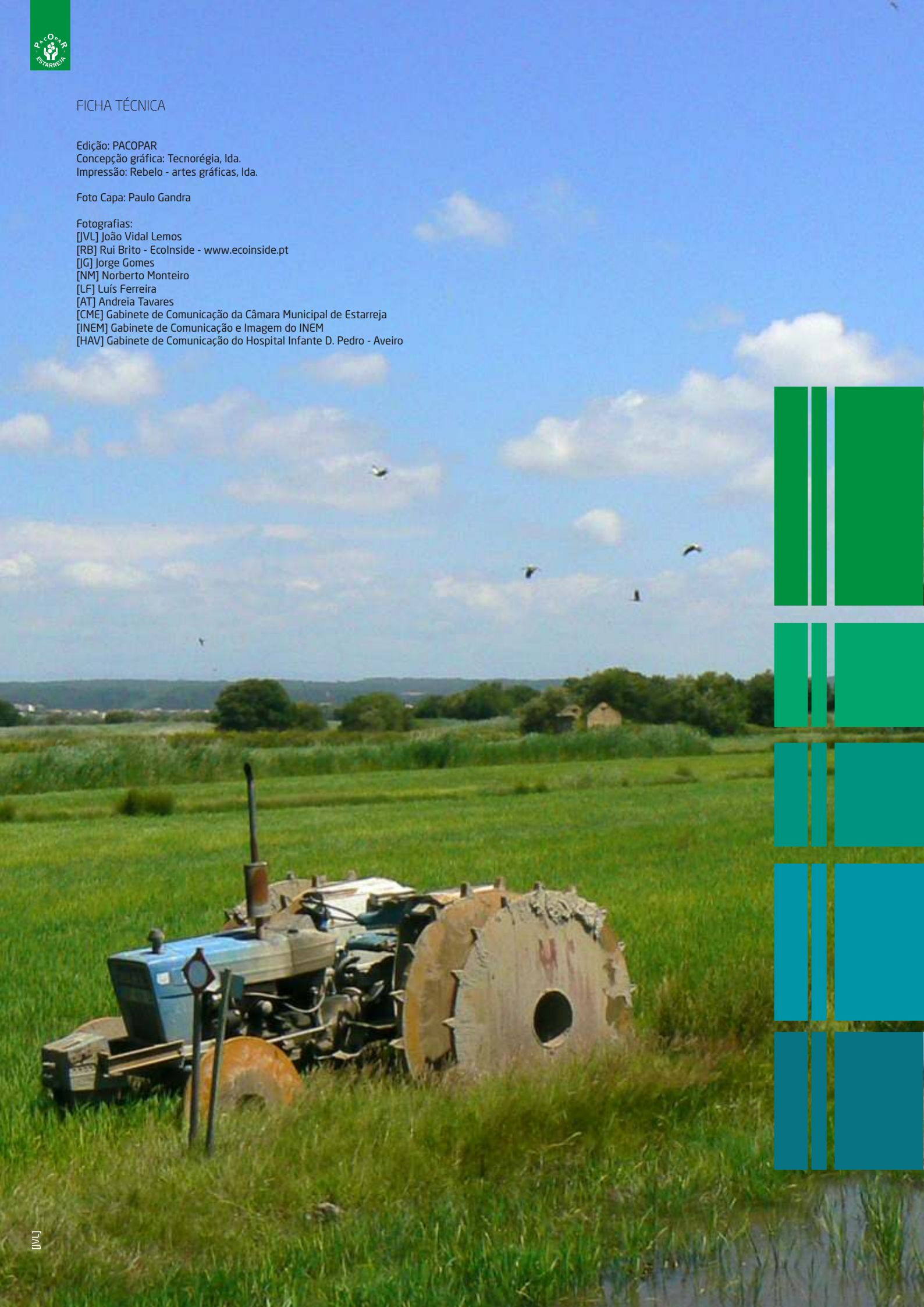
[LF] Luís Ferreira

[AT] Andreia Tavares

[CME] Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal de Estarreja

[INEM] Gabinete de Comunicação e Imagem do INEM

[HAV] Gabinete de Comunicação do Hospital Infante D. Pedro - Aveiro



Índice



[VL]

03

04

08

14

Editorial

Regina Bastos em entrevista

CQE e Saúde
reforçam cooperação

Segurança
Desempenho das empresas



[RB]

16

22

Ambiente
Desempenho das empresas

Expansão do Complexo Químico



[NM]

26

27

CIRES

Investigação e desenvolvimento
Compósito de madeira e plástico



[LF]

28

32

34

Breves

Balanço da actividade Pacopar
Opinião de José Fernando Correia

Actuação responsável
Opinião de Lubélia Nogueira Penedo



[VL]

35

36

Pacopar e o Futuro

Lazer
Fauna e Flora do Baixo Vouga Lagunar
Visita à Casa Museu Egas Moniz



A mudança na continuidade...

Editorial de Luís Ferreira

Secretário do PACOPAR e Director Fabril da Air Liquide, em Estarreja



A revista PACOPAR sai este ano à rua com uma cara renovada. Em 1997, as empresas químicas de Estarreja, subscritoras do compromisso Actuação Responsável, começaram a publicar os seus indicadores de desempenho numa revista, com o objectivo de “estabelecer mais uma linha de diálogo com a comunidade.” Aprofundando este objectivo, o PACOPAR conferiu agora um âmbito mais abrangente à revista, indo ao encontro da pluralidade do Painel, ao integrar diferentes visões e interesses.

Pretendemos reforçar o nosso diálogo com o público, explorando temas de interesse para o desenvolvimento sustentável do concelho, e contribuir para o esclarecimento do cidadão, para que, juntos, possamos continuar a trabalhar por Estarreja. Porque, na verdade, são os estarrejenses a primeira razão da existência destas páginas.

Nesta edição, propomos-lhe uma reflexão sobre a evolução do PACOPAR e da Actuação Responsável. Exploramos as respostas de saúde que o Complexo Químico de Estarreja (CQE) oferece internamente e em articulação com entidades externas. Passamos a publicar os indicadores de desempenho em dois artigos, ambiente e segurança, contextualizando-os, de modo a facilitar a sua compreensão. Recordamos a inauguração do projecto de expansão do CQE e reflectimos sobre a sua importância para Estarreja e o país. E porque o PACOPAR é da e para a nossa comunidade, deixamos-lhe sugestões de lazer em Estarreja.

A revista espelha a nossa mudança na continuidade. Prestes a cumprir a primeira década de vida, o PACOPAR redefiniu a sua estratégia, para dar continuidade ao excelente trabalho desenvolvido pelos nossos antecessores. No ano passado, elaborámos o Plano Estratégico 2010-2012. Esta revista já é reflexo de uma nova fase do Painel, cuja actividade se quer alicerçar nos Grupos de Trabalho e no binómio Secretariado / Coordenação, figura inédita e indispensável ao bom funcionamento do PACOPAR.

Queremos imprimir mais dinâmica à nossa actuação nas áreas de ambiente, comunicação, segurança e prevenção de riscos. Queremos que a força económica de Estarreja seja conciliada com mais saúde e mais segurança, num ambiente e paisagem cada vez mais sustentáveis. Só assim estaremos à altura do legado que nos foi deixado e das expectativas dos estarrejenses.



Regina Bastos fala sobre o PACOPAR e o Complexo Químico

“É uma mola para Estarreja se afirmar”

Entrevista conduzida por Luís Dias*

Vamos falar do CQE, tentando dar uma ideia de como era, no seu tempo juventude. Qual era a imagem que tinha?

Regina Bastos (RB): Era má! Francamente má! A ideia que se tinha de Estarreja era que tinha um pólo químico (PQ), que dava emprego a muitos pais de família, que deixavam as suas lavouras, para irem ganhar um ordenado fixo. Mas, tirando essa vantagem, tudo eram inconvenientes, de riscos, de emissões. E para o resto do país, a imagem associada a Estarreja era a de uma terra poluída e não desejável para viver. E, de certa maneira, a vida social e política foi marcada por isso. Na altura em que me iniciei na vida política local, finais da década de 80, os grandes debates autárquicos eram sobretudo à volta das questões do ambiente e segurança do PQ.

A cumprir o segundo mandato como deputada ao Parlamento Europeu, a carreira política de Regina Bastos, natural de Veiros, acompanhou a mudança de paradigma da indústria química em Estarreja. Nesta entrevista, a deputada do PSD conjuga uma visão local com a sua experiência política europeia, para inserir o Complexo Químico de Estarreja (CQE) na linha da frente da tendência Comunitária por uma indústria socialmente responsável. E para isso, o PACOPAR assume um papel crucial.

Isto foi evoluindo. Houve uma primeira etapa que foi consciencializar a população de que realmente havia um risco, mas que era controlável e, daí, proceder-se a exercícios de simulacro de acidente químico, dos quais resultaram conclusões que vieram a servir para se implementar aqui um sistema de segurança que envolveu autoridades a nível distrital e nacional, o que foi o primeiro passo para desmistificar e construir uma nova etapa relativamente à imagem de Estarreja. Portanto, isto é uma história que começa mal e que, neste momento, está numa fase muito positiva.

Nessa altura, foi praticamente quando a ISOPOR se instalou, o que fez evoluir o CQE para o que é hoje. Chegou também a haver manifestações contra a instalação da ISOPOR e outras a favor.

RB: Aliás, acho que foi a ISOPOR a pioneira, sem desmérito das outras empresas do CQE, que começou uma política de comunicação e ligação à comunidade. Como a ISOPOR já tinha recursos, infra-estruturas e experiência fez um esclarecimento muito bom junto da população, ao ponto das pessoas começarem a acreditar mais na parte positiva do que negativa. E depois veio fazer um upgrade, ao nível de salários. Isto veio contagiar de forma positiva, quer em termos de recursos, quer de actuação das outras empresas e pessoas, em termos de responsabilidade social.

No ano passado, concluiu-se um investimento que duplica a capacidade de produção do CQE. Que ideia tem deste investimento feito em altura de crise?

RB: É, realmente, a marca e o sinal claros de que este Complexo é de futuro. É uma mola para Estarreja se afirmar como PQ estratégico a nível nacional, mas também europeu e até internacional. Este investimento é mais uma prova de que a forma como se trabalha no CQE, é uma forma competente, eficaz e que garante às empresas envolvidas, integradas em grupos económicos de grande dimensão nacional e internacional, que Estarreja tem todos os componentes necessários para assegurar esta aposta que aqui é feita. Há uma filosofia de brio e zelo por parte dos estarrejenses que trabalham no CQE. Isso faz muita diferença. E esta ideia de que há uma ligação afectiva muito grande das pessoas que trabalham no CQE tem repercussões na vida local. É a génese daquilo que acontece com o PACOPAR e do seu nascimento.

Não se sabe muito bem onde se pode destrinçar o desenvolvimento social do económico, no concelho?

RB: Precisamente! Acho que Estarreja não seria Estarreja e as pessoas não seriam verdadeiramente estarrejenses na sua plenitude, como seres inteiros, se não houvesse o CQE.

Isto acontece depois de a história ter mudado completamente o paradigma que existia. Os empregados iniciais das empresas eram pessoas ligadas ao campo, com poucas habilitações. Hoje, temos menos gente, mas com mais capacidades.

RB: As acções de formação são permanentes. Têm estágios e, cada vez mais, são recrutados quadros diferenciados, com altos níveis de competência, tecnológica, científica. Há uma estratificação cada vez maior do que é necessário fazer na indústria química. De uma mão-de-obra indiferenciada, dos anos 30, hoje há uma muito diferenciada, que acompanha os processos tecnológicos.

E em tempo de crise, depois de se fazer este investimento, imediatamente se levantou voo. Isto está em contra-ciclo relativamente à economia nacional. Há alguma razão?

RB: Há uma razão! Que só as empresas com visão, capacidade e recursos humanos, que acreditam, é que conseguem fazer progresso em contra-ciclo. Normalmente, as crises são vistas como oportunidades e quem tem visão aproveita-as, para se antecipar investimentos que podem trazer receitas e proveitos para o futuro. O que o CQE fez foi isso.

Estas coisas são faladas no Parlamento Europeu (PE)?

RB: São faladas porque falamos delas.

Mas falam normalmente fazendo contraponto com outras situações?

RB: Exactamente ...

... Com países mais ricos, porque Portugal é visto como o mais pobre ...

RB: Não, porque no contexto dos 27, Portugal já não é tão periférico e pequeno assim. Nós, deputados portugueses do PE, temos obrigação, e fazemo-lo, de divulgar as boas práticas dos estados membros e, designadamente, nesta área. Porque estas áreas da indústria e ambiente estão muito interligadas e têm sido uma das preocupações da nossa Europa actual, porque foi colocada na agenda da Europa a questão da sustentabilidade e das alterações climáticas. E esta situação, que temos em Estarreja, é o paradigma do crescimento sustentável.

Mas as exigências da Europa estão cada vez a apertar mais. Acha que Estarreja ainda tem muito que andar em relação à legislação?

RB: A legislação comunitária relativamente à questão ambiental é globalizada para a Europa e envolve também todo o mundo. E tem tido o cuidado de ser suficientemente flexível e praticável, para dar tempo a que instituições e agentes se adaptem e se aproximem, sem exigir deles uma mutação radical e sem custos, que ponha em causa a sua própria sobrevivência. Há uma percepção realista e objectiva de que Portugal tem seguido bem as exigências comunitárias e que, em particular, o CQE tem tido esta postura pioneira de responsabilidade social, e ajuste ...





"Acho que Estarreja não seria Estarreja e as pessoas não seriam verdadeiramente estarrejenses, na sua plenitude, como seres inteiros, se não houvesse CQE."

... Aliás, o PACOPAR foi premiado ...

RB: Sim! Tenho muito gosto em ter aqui uma publicação do CEFIC (Conselho Europeu da Indústria Química), de 2005, em que o CQE foi agraciado, em termos europeus, como o vencedor de um prémio que classifica a indústria europeia, como preenchendo determinados requisitos, designadamente, o princípio da responsabilidade social. Há cinco anos já estávamos no bom caminho. Fomos os vencedores a nível europeu, entre 27 candidaturas.

E tenho tido o feedback, de fontes fidedignas, de que o CQE e as empresas têm tido a preocupação de ir praticando as exigências comunitárias de forma a terem tempo para a tal adaptação e para anteciparem também as mudanças que têm de ser feitas de acordo com a legislação que vai saindo. Com a estratégia 20/20, lançada pela Comissão Europeia (CE), relativamente aos objectivos que se pretendem alcançar a vários níveis, nos próximos 20 anos, gostaria de saber quais os planos de acção que o nosso CQE vai ter relativamente a esta estratégia. Por isso, lanço daqui o desafio...

Acha que o PACOPAR já é suficientemente abrangente no número de instituições ou que é um processo dinâmico, que deve abranger mais entidades?

RB: Gostava de fazer o elogio do PACOPAR. Começou, se não me engano, na década de 90, por boa vontade. Foi iniciativa própria, porque havia a tradição de cada empresa, de *per si*, resolver o seu problema e fazer os seus donativos. E depois, juntaram-se todos e resolveram fazer uma actuação integrada ao nível comunitário. Depois, trazer para o seio deste espírito de dádiva os agentes locais é um processo dinâmico, como diz, não é uma coisa fechada. As coisas fechadas, normalmente, têm tendência a cristalizar, estagnar e morrer. Por isso, na minha opinião, este é um processo dinâmico. Ter a autarquia é, absolutamente, imprescindível. Depois, ter os bombeiros, associações, escolas, GNR, forças vivas do concelho...

... Inclusivamente uma associação ambientalista...

RB: Pois! É evidente! As associações ambientalistas foram as primeiras a começar a pedir a abertura daquele Complexo à comunidade, quando a ideia era vista um bocadinho como incómoda. Todo este braço dado tem de existir sob pena de este projecto comunitário não conseguir ir por diante. Nada que tenha esta filosofia pode ser fechado.

Para finalizar, tem mais algum recado ou sugestão que queira deixar?

RB: Gostaria de deixar esta sugestão, numa altura de crise. Atenção aos nossos jovens que querem o primeiro emprego e que estão a lutar no mercado de trabalho para o conseguirem. Gostaria de deixar ao nosso PACOPAR esta reflexão, porque Estarreja, como outros sítios, também está a sofrer este problema, que, para mim, é um flagelo injustíssimo da nova geração.



"O CQE e as empresas têm tido a preocupação de ir praticando as exigências comunitárias".

No seu dia-a-dia, utiliza infra-estruturas e produtos sem os quais, certamente, já não consegue viver. Sabia que na base do fabrico de muitos desses bens essenciais estão os compostos químicos produzidos no Complexo Químico de Estarreja (CQE)?

O desenvolvimento da ciência química tem sido um dos motores da evolução material da sociedade moderna, assumindo-se como indispensável para manter os padrões de vida actuais. Sem a indústria química, o cidadão não teria grande parte do conforto material actual, sem o qual já não concebe o seu quotidiano. Naturalmente, toda a actividade industrial tem riscos associados à manipulação de produtos que é necessário mitigar para poder continuar a responder às necessidades da sociedade actual.

Nesse sentido, as empresas do CQE levam a cabo políticas rigorosas de segurança e aplicam procedimentos e tecnologia de ponta que visam a protecção da saúde, do meio ambiente e o controlo rigoroso de riscos. Além dos seus procedimentos e equipamentos internos, promovem a articulação com entidades públicas da área de saúde e protecção civil. A funcionalidade deste trabalho articulado exige sinergias e uma constante actualização de meios e procedimentos. Nas próximas páginas, ficará a conhecer como estão as empresas e o PACOPAR a trabalhar para a melhoria contínua na área de protecção da saúde.





Complexo Químico de Estarreja e serviços de saúde reforçam cooperação

Tecnologia de ponta e procedimentos de trabalho

Para conseguir o máximo controlo sobre os seus processos de produção, as empresas do CQE dispõem de avançados sistemas de segurança processual e de avaliação de riscos. A AQP – Aliada Química de Portugal – tem implementado “procedimentos de trabalho” que, segundo Alvarim Padilha, director fabril da empresa, têm que ser cumpridos por todos os trabalhadores. A unidade dispõe de “tecnologia adequada aos processos e produtos manipulados”, como explica Alvarim Padilha, através de “programas que visam assegurar a operacionalidade e segurança das instalações e equipamentos.”

Também a Air Liquide tem operacional um sistema de segurança processual e de avaliação de riscos no trabalho. Qualquer pessoa que se desloque ao interior das instalações fabris, “tem EPI (Equipamento de Protecção Individual) obrigatório”, que, como explica Luís Ferreira, director fabril da Air Liquide em Estarreja, inclui o uso de “um detector” de gases, e de “fatos de protecção contra incêndios.”

No processo de produção da CIRES é utilizada uma tecnologia “fechada” e, por isso, “não há exposição” ao cloreto de vinilo, explica Rui Baptista, responsável de EH&S da empresa. Sempre que é necessário intervir em equipamentos, é feita uma monitorização prévia para confirmar a existência de condições seguras.

A empresa, certificada em segurança e ambiente, tem implementadas as melhores tecnologias disponíveis, aplicando “os procedimentos de trabalho e de boas práticas mais avançadas do sector.”

A CUF tem melhorado, continuamente, as tecnologias de controlo de riscos, como são exemplo o sistema DCS (Digital Centralized System) e o controlo de paragens em emergência (ESD). A empresa “possui planos de manutenção preventiva” e tem uma prática de “análise de incidentes” com vista a, explica Maria José Alves, responsável de EH&S da empresa, “melhorar o desempenho de segurança dos processos.”

Por sua vez, a Dow Portugal rege-se pela aplicação de procedimentos de trabalho rigorosos e investe na melhor tecnologia disponível para a produção dos seus produtos. Renata Santos, responsável de EH&S da empresa, dá o exemplo recente da construção de edifícios de contenção, para a parte de processo onde o fosgénio está presente, “de modo a que o risco de emissões para o exterior seja praticamente zero.”

A importância da formação

Os trabalhadores do CQE são sujeitos a formações contínuas na área da segurança e saúde. O Dia da Segurança, institucionalizado às terças-feiras na CUF, “é utilizado para formação e prática de actuação em situações de emergência ou outras”, explica M.J. Alves. Em 2009, “foram realizadas 14 acções de formação” que “envolveram 453 pessoas” da empresa. Na CIRES, os “procedimentos de trabalho e de boas práticas” coexistem com a “permanente formação dos trabalhadores” e “acompanhamento e análise das actividades identificadas como de maior risco”, explica Rui Baptista.

Todos os trabalhadores da Dow e contratados “têm formação específica sobre os riscos associados aos produtos”, com “disponibilização da informação das fichas de dados de segurança e na identificação de conteúdos de linhas, equipamentos e contentores, para que os riscos sejam claros e esteja garantida a sua comunicação”, explica Renata Santos.

Na Air Liquide, a segurança e a saúde dos colaboradores são prioritárias, por isso são levadas a cabo várias acções de formação / informação sobre os riscos derivados do seu trabalho e o modo de os prevenir. São ainda realizadas campanhas de sensibilização que incluem a prevenção de acidentes rodoviários e riscos técnicos.

Também na AQP todos os trabalhadores conhecem os riscos de trabalho e recebem formação adequada para a manipulação dos produtos.



Resposta de saúde imediata

A preparação dos trabalhadores é feita também para a capacitação de responder imediatamente a uma potencial situação de emergência. Na Air Liquide, diz Luís Ferreira, “todas as pessoas têm formação de primeiros socorros e combate a incêndios”, inclusive, assegura António Esteves, médico do trabalho da empresa, para “socorrerem um sinistrado, com máscaras de ar respirável.” Na empresa, existe um posto médico para a primeira intervenção de socorro. Quando esta não é suficiente, “é chamado o médico da empresa”, refere o próprio, que decidirá qual o procedimento a tomar.

A AQP dispõe, segundo o director fabril, de capacidade de “prestação de primeiros socorros no local”, que podem ser seguidos da “assistência pelo pessoal de enfermagem do posto médico” existente, o da CUF (já que as duas empresas trabalham em parceria nalgumas áreas), devidamente equipado, como corrobora João Maia, médico do trabalho da empresa, que garante ainda a presença de uma enfermeira, das 8 às 20 horas, “preparada para qualquer tipo de acidente.” Para uma hipotética emergência, está prevista, segundo o médico, “uma primeira intervenção”, que pode ser prestada





pelos trabalhadores, que “têm formação em primeiros socorros”, e sempre que se justifique, João Maia e outros colegas ao serviço da CUF podem ser chamados a intervir.

A CIRES mantém treinada “uma equipa de brigadistas preparada para intervir”, além de ter também, acrescenta o responsável de EH&S, “uma equipa de socorristas”, pronta a actuar de dia e noite. “O médico, enfermeira ou o socorrista fazem uma avaliação e vêem se existe necessidade de intervenção hospitalar”, explica Tavares da Silva, médico do trabalho da empresa, quem mantém, em permanência, um posto de enfermagem com assistência em horário diurno de uma enfermeira.

A Dow possuiu um posto médico, “com meios para administrar oxigénio e outros tratamentos em caso de exposição” a um produto químico. Em caso de emergência, “o sistema de alerta montado chama o médico de prevenção que, imediatamente, dá apoio aos trabalhadores na resposta”, informa João Maia, um dos médicos que asseguram a prevenção 24 horas por dia na empresa, durante todo o ano. A vítima “segue para a enfermaria e, se necessário, são chamados os serviços médicos exteriores”, esclarece João Maia.



Rui Baptista

Actuação articulada

Todas as empresas do CQE têm planos de emergência internos, realizam simulacros e promovem uma forte cooperação com os bombeiros de Estarreja na resposta a emergência. A adesão aos princípios de Actuação Responsável, de que a existência do PACOPAR é expressão, pressupõe o cumprimento de altos padrões de responsabilidade social, que se reflectem na promoção da segurança e saúde. O Grupo de Prevenção de Riscos (GPR) do PACOPAR tem feito um trabalho complementar à actuação interna de cada empresa, com vista a uma maior articulação e eficácia das respostas de saúde das várias entidades. Ao longo dos anos, o GPR deu formação a bombeiros e pessoal médico do Hospital Visconde de Salreu e Hospital Infante Dom Pedro (HIP), de Aveiro, sobre os químicos manipulados no CQE, disponibilizando fichas de segurança dos produtos. Mas, com a reestruturação dos serviços de saúde da região, explica Rui Baptista, coordenador do GPR, as urgências do Hospital de São Sebastião (HSS), de Santa Maria da Feira (integrante do Centro Hospitalar de Entre o Douro e Vouga), e do de Aveiro passam a ser as referências para o CQE. Esta mudança exigiu do PACOPAR a renovação do processo de articulação com os serviços de saúde e de resposta a emergência, que passará a envolver, numa primeira intervenção, o INEM.

INEM e a coordenação de meios

No seguimento do trabalho desenvolvido pelo GPR, o INEM tem estado a realizar visitas às empresas do CQE, a fim de conhecer melhor as suas realidades e os seus produtos. Regina Pimentel, directora da Delegação Regional do Centro do INEM, tem efectuado reuniões de trabalho com a ARS do Centro, com o ACES (Agrupamento de Centros de Saúde) da região, com o director do HVS, avaliando o seu plano de emergência interno, com vista a definir estratégias para o futuro. Na sequência do trabalho conjunto do GPR com o INEM, foi apurada a necessidade de elaborar um plano de emergência externo específico para o CQE, que, segundo Rui Baptista, deve dar respostas que não estão previstas nos planos já existentes.

Necessário mais conhecimento sobre os químicos

É opinião unânime entre os médicos consultados que o tratamento célere de uma vítima de acidente no CQE exige um conhecimento aprofundado sobre os produtos ali existentes. Segundo Regina Pimentel, a DRC do INEM já tem as fichas de segurança dos respectivos produtos. O CIAV (Centro de Informação Antivenenos) também está envolvido no trabalho do PACOPAR, no sentido de ajudar o GPR a proceder a uma actualização das fichas de segurança.



Fátima Rato, directora do CIAV, considera que as actividades do CQE, "inevitavelmente, comportam riscos", mas estes são atenuados por todo o sistema de prevenção, a nível de formação, de equipamentos e da actuação da medicina do trabalho, assim como a articulação com as autoridades, "tudo em conjunto contribui de forma eficaz para a minimização do risco e a limitação das consequências na eventualidade de um acidente."

Actualmente, diz o coordenador do GPR, o que está previsto num caso de acidente é fazer um telefonema para o 112, de forma a que o CODU (Centro de Orientação de Doentes Urgentes), decida o destino a dar à vítima, o que, segundo Regina Pimentel, prevê o accionamento do "Sistema Integrado de Emergência Médica o mais precocemente possível." Neste sentido, está previsto, segundo a responsável, o recurso aos meios existentes para servir a área, ou seja, "ambulância do INEM de Suporte Básico de Vida, as ambulâncias de socorro dos bombeiros de Estarreja e outros meios disponibilizados por estes, Viaturas Médicas de Emergência e Reanimação de Aveiro e/ou da Feira, um helicóptero sediado em Santa Comba Dão ou Porto, para transporte das vítimas para as Unidades de Saúde mais adequadas à sua situação clínica, como Aveiro, Santa Maria Feira ou outras." Está ainda prevista, revela Regina Pimentel, a mobilização, "para o local, da Viatura de Intervenção em Catástrofe com o Posto Médico Avançado, sedeadada em Coimbra ou Porto."



Jorge Teixeira

Segundo a especialista, qualquer médico deve estar habilitado a responder a uma vítima do CQE, pois, em primeira instância, trata-se de garantir “medidas que permitam manter as funções vitais, independentemente da causa. No caso do CQE, a esmagadora maioria dos produtos utilizados determinam, em caso de intoxicação, a instituição deste nível de cuidados.” Carlos Mesquita, director do serviço de urgências do HIP reforça: “Estamos a falar, em primeira análise, de assegurar funções vitais, independentemente da causa, dispondo o HIP de meios essenciais.”



Contudo, Fátima Rato admite que existe informação inerente à abordagem do doente intoxicado, “como a sintomatologia, terapêutica a instituir, necessidade de realização de determinados exames complementares de diagnóstico, existência ou não de um antídoto disponível, etc” que é importante que o médico conheça. Porém, estes conhecimentos não são pressupostos de exigência a um médico de clínica geral, sendo que, por isso, é “prática corrente entre os médicos de serviço em qualquer urgência hospitalar, o contacto com o CIAV.”

É o que faria Jorge Teixeira, director do serviço de urgências do HSS, se desconhecesse como tratar uma lesão provocada por um químico. O médico garante ter, na sua urgência, “capacidade de isolar e tratar vítimas de qualquer acidente desse tipo”, com condições físicas e o pessoal necessário para um tratamento imediato, mas admite que pode haver necessidade de conhecimentos mais específicos para responder mais adequadamente.

“Nesses casos, recorreremos ao CIAV ou pesquisamos nos nossos meios para dar uma resposta atempada”, diz Jorge Teixeira, que considera vantajoso haver uma maior articulação de informação entre o hospital e o CQE. “Termos cá as fichas de segurança dos produtos era um primeiro passo, ou haver acções de formação. Ter uma interface de informação sobre a toxicidade dos produtos”, sugere. A opinião vai ao encontro da de Fátima Rato, que considera que as urgências hospitalares deverão dispor de alguma informação relativamente ao tipo de produtos em causa, “tendo em vista procedimentos imediatos numa primeira abordagem a eventuais intoxicados.” Já no HIP, “no que respeita à abordagem específica, em função dos tóxicos em causa, existe informação disponível e actualizada”, garante Carlos Mesquita.

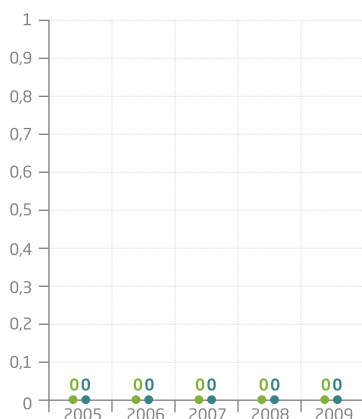
A opinião é unânime entre os médicos contactados. Ofélia Almeida, delegada de saúde de Estarreja, envolvida no trabalho de coordenação médica do GRP, considera que a disponibilização das fichas de segurança dos produtos aos hospitais “é uma medida muito importante para as respostas de saúde”, nos serviços de urgência. Os médicos do trabalho João Maia, João Esteves e Tavares da Silva reforçam esta posição. Carlos Mesquita vai no mesmo sentido, considerando que deve haver uma articulação “permanente” entre hospitais e empresas, cabendo-lhes “manter os hospitais informados acerca dos tóxicos que estejam a utilizar.”

Além disso, refere Jorge Teixeira, uma situação ideal seria ainda a existência de um canal de comunicação directo com o hospital da Feira, para “um contacto imediato de aviso em situações de emergência”, para que o serviço esteja imediatamente prevenido em caso de necessidade. “Poderiam ainda ser feitos simulacros em articulação, que são importantes para melhorarmos”, considera Jorge Teixeira. Ofélia Almeida e Rui Baptista revelam a intenção de envolver as urgências dos hospitais para encetar esta necessária disponibilização de informação e até iniciar formação ao pessoal médico. “Para cada produto que utilizamos está definido que tipo de lesão pode causar e que tipo de tratamento médico é necessário. O nosso objectivo é garantir junto dos hospitais mais próximos, que existam meios de diagnóstico e tratamento para lidar com estas questões”, diz o coordenador do GPR do PACOPAR. Um trabalho que exige uma melhoria contínua e, por isso, não deverá parar por aqui.

As empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQE) complementam as obrigações legislativas ao nível da Segurança, com elevados padrões e políticas internas próprias, que resultam em investimentos em tecnologia de processo, equipamentos e formação. O número de acidentes e a sua gravidade é uma ocorrência que revela o resultado da política de investimento na prevenção em Segurança. Com o intuito de fazer esta abordagem, apresentamos aqui os índices de frequência e de gravidade de acidentes das empresas do CQE. O índice de frequência de acidentes apura-se através do número de acidentes com baixa ocorridos num ano, por cada milhão de horas por homem trabalhadas. E o índice de gravidade representa o número de dias úteis perdidos por ano, por cada mil horas por homem trabalhadas.

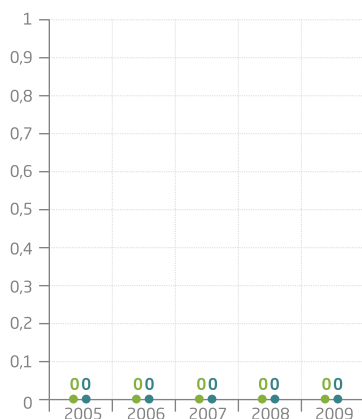
AIR LIQUIDE

Nos anos em análise não foram verificados quaisquer acidentes, pelo que os índices têm valor zero.



AQP

A ausência de acidentes ao longo dos últimos anos reflete o bom desempenho em matéria de Segurança.



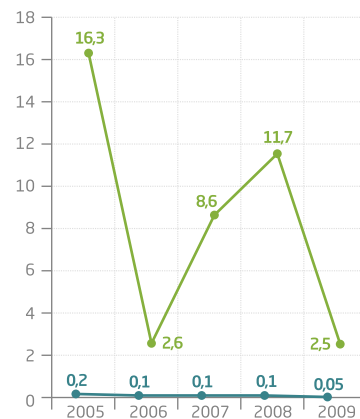
O ano de 2009 confirmou o baixo nível de sinistralidade (zero acidentes), ao qual não é alheio o facto de a Segurança ser encarada como prioritária em todos os aspectos que se relacionam com a actividade da empresa. Neste contexto, têm assumido grande importância:

A gestão e o desenvolvimento da actividade em condições seguras, favorecendo e fomentando a minimização dos riscos, através da utilização das melhores tecnologias disponíveis.

A formação e treino de todos os trabalhadores.

CUF

Apesar de alguma oscilação no que se refere à frequência de acidentes denota-se uma tendência de melhoria, resultado dos esforços de sensibilização formação e investimentos nesta área.



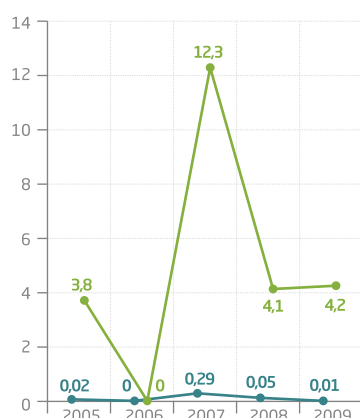
A CUF QI tem desenvolvido esforços significativos na área da Segurança, em que se podem destacar a formação e treino com a instituição do dia semanal da Segurança e a modernização dos equipamentos de combate a incêndios.

Desempenho de Segurança Índices de Acidentes

Pode consultar mais detalhes sobre os indicadores de desempenho das empresas na página WWW.PACOPAR.ORG

CIRES

Os indicadores de sinistralidade continuam a manter-se em valores muito baixos, o que revela a eficácia das muitas acções de sensibilização e formação dos trabalhadores realizadas neste domínio e também das medidas preventivas implementadas nas instalações. O valor elevado em 2007 deveu-se à ocorrência de 3 acidentes sem gravidade, que deram origem a 70 dias de baixa.

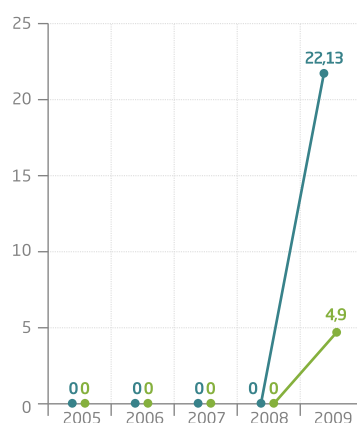


Tendo por lema "Primeiro Segurança", a empresa tem continuamente investido em acções para prevenção de riscos, quer para as instalações fabris, quer para a segurança e saúde dos trabalhadores.

A CIRES subscreve o princípio de Primeiro Segurança e Protecção Ambiental, assumindo nas suas opções de desenvolvimento o compromisso de melhorar continuamente o comportamento ambiental e de prevenção de risco. Com esta linha de orientação, a empresa ajusta periodicamente os objectivos e programas de acção por forma a, cabalmente, assegurar o cumprimento das suas obrigações em termos de Responsabilidade Social e Desenvolvimento Sustentável. Assim, assume particular relevância a certificação do SGA - Sistema de Gestão Ambiental segundo a norma ISO 14001:2004, do SGSST - Sistema de Gestão de Saúde e Segurança no Trabalho segundo a norma OHSAS 18001:2007 e do Sistema de Qualidade (norma ISO 9001:2000), as quais foram mantidas após auditorias de acompanhamento realizadas pela APCER, Associação Portuguesa de Certificação que verificou o cumprimento de todos os requisitos aplicáveis à empresa nestes domínios e à implementação dos planos de acções de melhoria estabelecidos."

DOW

A Dow Portugal teve dois acidentes no ano 2009, um no Terminal de Aveiro e outro na Fábrica de Styrofoam. Os dois acidentes não tiveram consequências graves e foram investigados, de forma a que na mesma situação não voltem a ocorrer.



● Índice de frequência de acidentes
● Índice de gravidade

Desempenho Ambiental das Empresas do CQE

Com o objectivo de tornar mais facilmente compreensível o significado dos indicadores de desempenho ambiental e de segurança das empresas do Complexo Químico de Estarreja (CQE), o PACOPAR simplificou a apresentação dos dados. Para além da disposição dos valores em gráfico, que permite uma melhor percepção evolutiva dos mesmos, é feita a sua contextualização, enquadrando-os no tipo e dinâmica de actividade industrial das empresas, permitindo perceber melhor como se chega a determinado número.

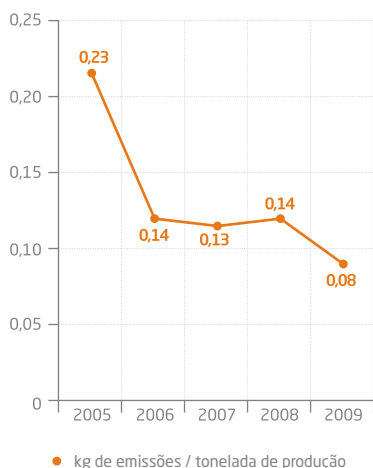
E para dar um enquadramento mais lato do desempenho ambiental do CQE, os indicadores expressos reflectem a relação dos valores de emissões e consumos com a produção. Assim, as emissões gasosas são representadas pelo rácio entre o total de emissões (que inclui a soma do total das emissões de Partículas, Dióxido de Enxofre, Óxidos de Azoto, Monóxido de Carbono, COV e Metais Pesados) e a produção, expressos na relação de quilogramas por tonelada, respectivamente.

O indicador de resíduos resulta da proporção entre o total de resíduos gerados, expressos em quilogramas, e a produção, expressa em toneladas. Do mesmo modo, o consumo de energia é representado em proporção entre a energia consumida (em Kj) e a produção (em toneladas), e o consumo de água é representado pelo rácio entre a água consumida (em m³) e a produção, expressa em toneladas. Os efluentes líquidos não estão aqui expressos, uma vez que actualmente todas as empresas do CQE enviam as suas águas residuais para o SIMRIA - Sistema Multimunicipal de Saneamento da Ria de Aveiro.

Pode consultar mais detalhes sobre os indicadores de desempenho das empresas na página **WWW.PACOPAR.ORG**

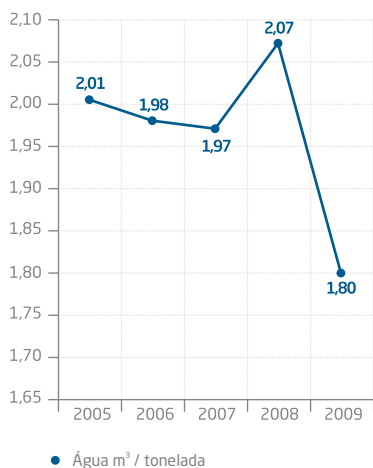
AIR LIQUIDE

EMISSÕES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA



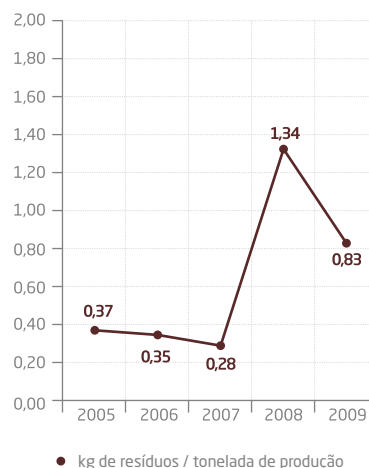
No rácio do total de emissões (Kg) *versus* produção (ton) verificou-se um decréscimo significativo. Este comportamento deveu-se à entrada em funcionamento da nova unidade HyCO3 que apresenta também uma melhor performance neste indicador.

CONSUMO DE ÁGUA



No rácio da água consumida (m3) *versus* produção (ton) verificou-se um aumento ligeiro no ano de 2008 que se deveu ao acréscimo de consumo de água relativo ao período do projecto de instalação da nova unidade de produção HyCO3. Relativamente ao ano de 2009, verificou-se um decréscimo acentuado deste rácio, o que se deveu à entrada em funcionamento da nova unidade HyCO3 que apresenta também uma melhor performance neste indicador.

RESÍDUOS SÓLIDOS



No rácio do total de resíduos gerados *versus* produção (ton) verificou-se um aumento ligeiro no ano de 2008, o que se deveu às actividades de montagem desenvolvidas no período do projecto de instalação da nova unidade de produção HyCO3.

CONSUMO DE ENERGIA

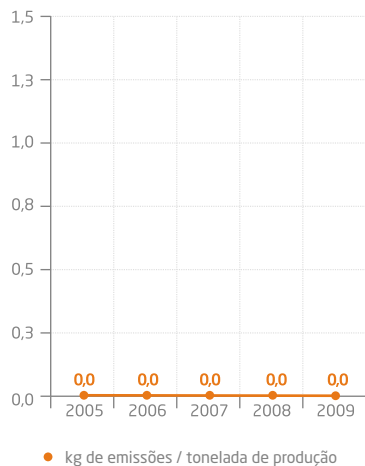


No rácio de energia consumida (Mj) *versus* produção (ton) verificou-se um aumento ligeiro no ano de 2008, que se deveu ao acréscimo de consumo de energia relativo ao período do projecto de instalação da nova unidade de produção HyCO3. Relativamente ao ano de 2009, verificou-se um decréscimo acentuado deste rácio, o que se deveu à entrada em funcionamento da nova unidade HyCO3 que apresenta uma melhor performance neste indicador.

A Air Liquide Portugal juntou à certificação da Qualidade (ISO 9001:200), desde 25 de Setembro de 2009, a certificação Ambiental (ISO 14001:2004) e de Segurança (OHSAS 18001:2007). Esta nova etapa visa a Gestão Integrada dos requisitos das referidas normas, promovendo assim uma política de Segurança no desenvolvimento das nossas actividades, de Qualidade dos produtos e serviços e em total respeito pelo Ambiente.

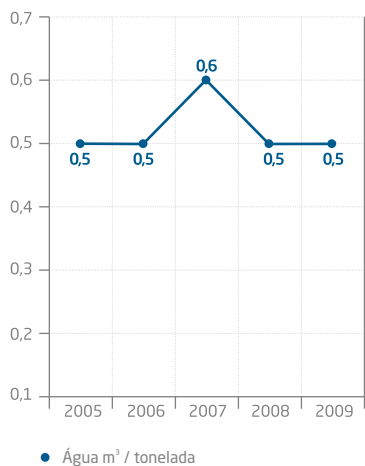
AQP

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA



O valor das emissões é muito baixo, e o ano de 2009 confirmou essa tendência.

CONSUMO DE ÁGUA



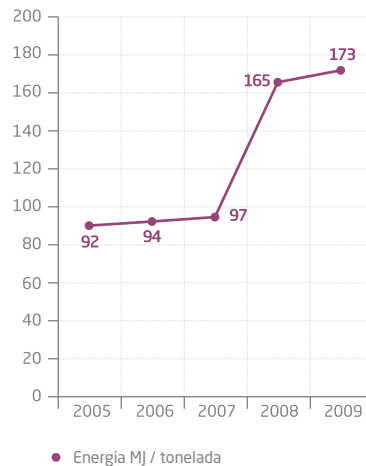
A exemplo do consumo de energia, também o consumo de água está directamente relacionado com o tipo de produto fabricado. Assim, o pequeno decréscimo do índice de consumo de água em 2009 é consequência do aumento percentual do fabrico de produtos com um menor consumo de água.

RESÍDUOS SÓLIDOS



Apesar de pequenas flutuações, a quantidade de resíduos sólidos gerados tem-se mantido dentro do expectável, dado que não têm ocorrido alterações ao nível do processo produtivo ou grandes intervenções na área da manutenção que justifiquem uma variação significativa.

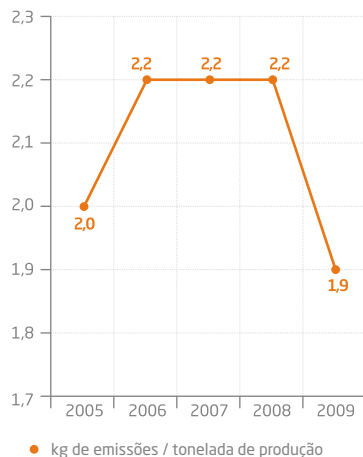
CONSUMO DE ENERGIA



O aumento do consumo de energia verificado em 2008 não é real, na medida em que esta variação resulta, fundamentalmente, de uma alteração na metodologia de cálculo (utilização de um novo factor de conversão, conforme recomendação da APEQ/ CEFIC). Quanto a 2009, o pequeno incremento do índice de consumo decorre do aumento percentual do fabrico de produtos com um maior consumo de energia.

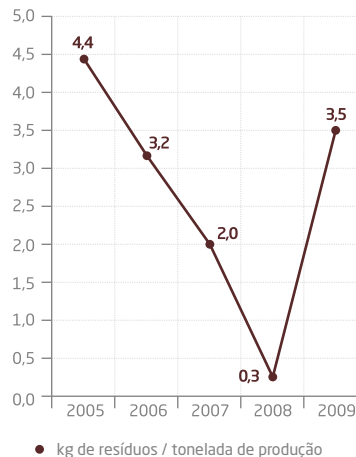
Conforme atestam os indicadores apresentados, o ano de 2009 não registou variações significativas em termos de desempenho ambiental, confirmando o bom desempenho verificado ao longo dos últimos anos. Para tal, tem contribuído o facto da actividade ser operada tendo em atenção as medidas de boas práticas, bem como a utilização das melhores técnicas/tecnologias disponíveis, que englobam medidas de carácter geral, medidas de implementação ao longo do processo produtivo e medidas no tratamento de fim de linha. Os Sistemas de Gestão passaram a ser auditados pela LRQA, em substituição da DNV com quem a empresa vinha trabalhando há já alguns anos. Assim, foram auditados e aprovados pela LRQA, os Sistemas de Gestão da Qualidade e Gestão Ambiental, de acordo com as normas ISO 9001:2008 e ISO 14001:2004, respectivamente.

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA



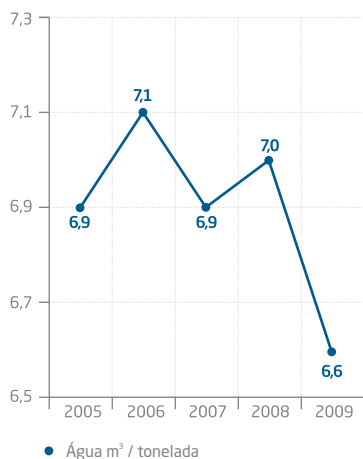
O decréscimo verificado decorre da correcta operação dos sistemas de despoeiramento instalados nos processos de produção de PVC e das caldeiras de produção de vapor que utilizam o gás natural em detrimento do fuelóleo.

RESÍDUOS SÓLIDOS



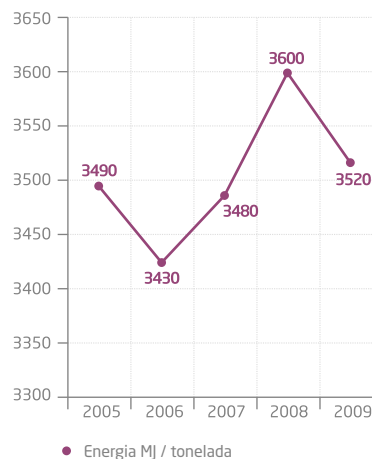
A subida da quantidade de resíduos deve-se à reclassificação dos resíduos de PVC que vinham a ser considerados subprodutos (PVC não padronizado) desde meados de 2007. Embora tratando-se de resíduos inócuos com valor comercial, expedidos para a indústria transformadora de PVC, que os utiliza no fabrico de diversos artigos em PVC com menor exigência de desempenho, necessitam de alguma transformação prévia para o seu processamento, critério que de acordo com o entendimento da APA- Agência Portuguesa do Ambiente, inviabiliza a sua classificação como subproduto.

CONSUMO DE ÁGUA



A CIRES recebe a água bruta directamente do rio Antuã e procede internamente ao seu tratamento adequando a sua qualidade às diversas utilizações na fábrica. O decréscimo verificado no consumo decorre da melhor qualidade da água recebida do rio com diminuição de perdas durante o seu tratamento e nas instalações fabris onde se procedeu também à reutilização da água nalguns circuitos de arrefecimento.

CONSUMO DE ENERGIA

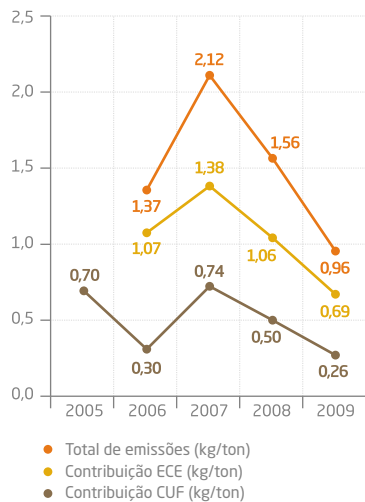


Os consumos de energia têm tendência para subirem quando os níveis de actividade são mais baixos e em particular devido ao funcionamento das instalações para redução de emissões que não são directamente produtivas. A implementação das medidas constantes do PRCE- Plano de Racionalização de Consumos Energéticos para o período de 2007 a 2011, permitirá melhorar o desempenho energético da empresa.

O desempenho ambiental da CIRES tem como linha orientadora o compromisso de cumprir os limites de emissões estabelecidos na Carta de Princípios do ECV- Associação Europeia de Produtores de PVC e na BREF-Polímeros da Comissão Europeia, aplicando a empresa as melhores tecnologias disponíveis aos seus processos de fabrico.

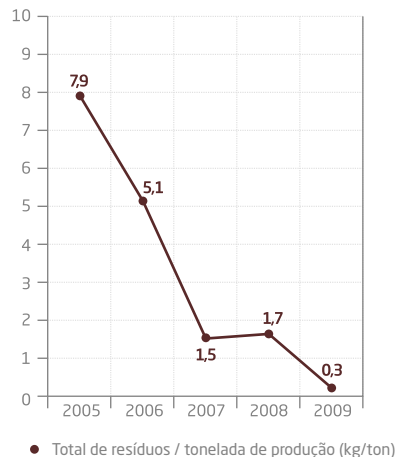
CUF

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA



Em 2006 por imposição da Agência Portuguesa do Ambiente, as emissões da Empresa de Cogeração de Estarreja Lda, ECE, passaram a integrar as emissões da CUF QI.

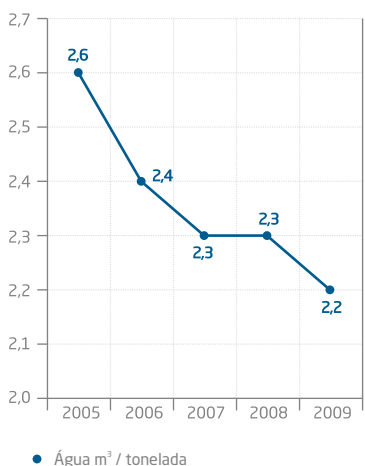
RESÍDUOS SÓLIDOS



O decréscimo significativo verificado em 2007 foi devido à utilização de sal de elevada pureza.

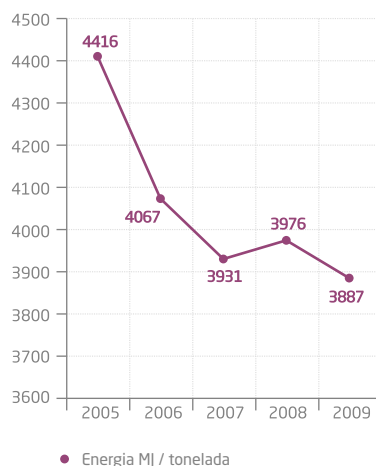
Nota: São representados apenas os resíduos sólidos produzidos pela CUF QI e enviados para o exterior.

CONSUMO DE ÁGUA



Denota-se uma tendência sustentada de redução de consumo de água no processo produtivo.

CONSUMO DE ENERGIA

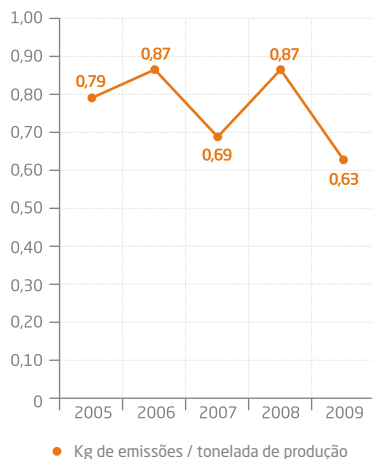


Denota-se uma tendência sustentada de redução de consumo de energia no processo produtivo.

No domínio do Ambiente, o Projecto de Expansão de Capacidade que ficou concluído em 2009, com excepção da construção da nova unidade de ácido nítrico, revelou desde já, tal como previsto, melhorias nos impactes ambientais

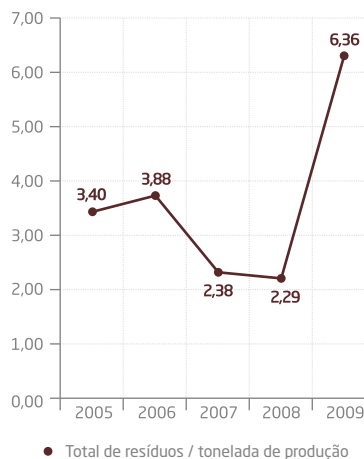
Destaca-se também a conclusão do projecto de optimização e automação da captação da água no Rio Antuã que irá permitir uma optimização dos consumos de água.

EMISSIONES DE POLUENTES PARA A ATMOSFERA



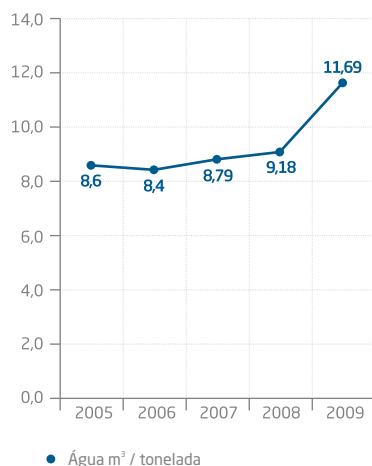
A Dow Portugal teve uma produção reduzida no ano 2009, devido aos projectos de expansão, o que provocou também uma redução nas emissões gasosas.

RESÍDUOS SÓLIDOS



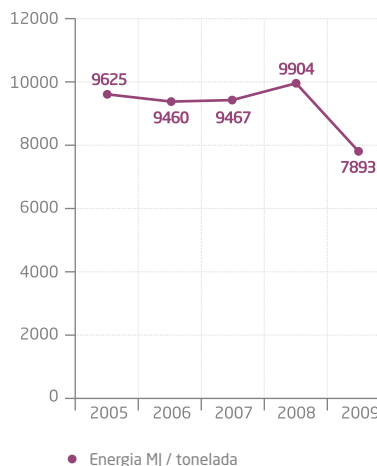
O efeito das actividades de preparação da paragem da fábrica de MDI e a necessária limpeza de linhas e equipamentos e o desmantelamento de alguns equipamentos devido ao projecto de expansão levou ao incremento dos resíduos sólidos da fábrica, principalmente devido à grande quantidade de sucata.

CONSUMO DE ÁGUA



O incremento no consumo da água é também devido às actividades de preparação e construção dos projectos.

CONSUMO DE ENERGIA



O ano 2009 foi impactado pelos projectos de expansão das fábricas de MDI e Styrofoam. O tempo dedicado nas construções obrigou a paragens longas, o que causou uma redução na produção e o menor consumo de energia.

A Dow Portugal completou com sucesso os projectos de expansão das fábricas de MDI e Styrofoam. 2009 foi um ano de actividade extraordinária, onde as actividades relacionadas com a segurança e a protecção do meio ambiente tiveram um relevo especial. A Dow Portugal revalidou a certificação ISO14001 e está à espera da certificação EMAS.

Expansão do Complexo Químico faz um ano

Desenvolvimento local, interesse nacional, afirmação europeia

No dia oito de Julho, o Complexo Químico de Estarreja (CQE) completará um ano de funcionamento, após a inauguração do projecto de expansão de capacidade produtiva. O Primeiro-ministro José Sócrates veio inaugurar o projecto que envolveu a Air Liquide, a CUF-QI e a Dow Portugal e que fez de Estarreja a sede de um dos pólos químicos mais competitivos da Europa. Considerado um Projecto de Interesse Nacional (PIN), com um investimento global de 250ME, resultante de aplicações financeiras das três empresas e de comparticipação governamental, através da AICEP – Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, a expansão do CQE é o casamento perfeito de múltiplos interesses, congregando sinergias.

Expansão Integrada

Tendo levado mais de dois anos a concretizar, a execução do projecto resultou da renovação, por mais 15 anos, dos contratos de fornecimento de matéria-prima entre as três companhias químicas, cujas fábricas de Estarreja operam numa interdependência de produção. Por isso, os projectos tiveram de ser desenvolvidos integradamente, já que a Air Liquide é fornecedora da CUF-QI e estas duas da Dow Portugal. Assim, a CUF-QI duplicou a anterior capacidade produtiva para 200 mil toneladas anuais de anilina, das quais 70% são absorvidas pela Dow Portugal, que também dobrou a sua capacidade de fornecimento de PMDI (Isocianato Polimérico de base MDI), usado no fabrico de poliuretano. Para responder a estas duas, a Air Liquide reforçou igualmente a sua produção de hidrogénio e monóxido de carbono, necessários para produzir o PMDI da Dow e a anilina da CUF.



Conciliação de interesses

Ao promover a expansão produtiva, o CQE assegura a sua continuidade em Estarreja e com isso a empregabilidade. Simultaneamente, estimula a economia local, através da criação de postos de trabalho directos e indirectos, e incentiva também a nacional, o que se traduz em manifesta importância num momento em que o país atravessa dificuldades financeiras e económicas. Os interesses locais e nacionais conciliaram-se assim com os das três companhias químicas, para as quais os centros de produção de Estarreja passaram a ser cruciais para a estratégia global dos seus negócios.

Mais segurança e melhor ambiente

As melhorias dos processos produtivos implicaram também aperfeiçoamentos ao nível de condições de segurança e de desempenho ambiental das três fábricas. Um dos requisitos da duplicação produtiva da Dow Portugal foi o enclausuramento das suas unidades de fosgénio, reduzindo praticamente a zero qualquer possibilidade de emissão deste químico para o ambiente. Os investimentos realizados conferiram características ao CQE que o posicionam como um dos mais actuais *clusters* europeus de indústria química, inserindo-o no Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias de Petroquímica e Química Industrial, de referência mundial.



O Primeiro-ministro, José Sócrates, presidiu à inauguração do projecto, que contou ainda com a presença de altos representantes das empresas a nível mundial, considerando-o indicador de "mais expansão, mais produção, mais oportunidades de localização de outros negócios em Portugal, mais competitividade e melhor ambiente em Estarreja." O governante elogiou as empresas anfitriãs pela união e ambição de competir, preparando o CQE para responder à economia global.

Air Liquide: reforço de competência tecnológica

Com um investimento de cerca de 60M€, a Air Liquide, líder mundial dos gases para a indústria, a saúde e o ambiente, continua a sua aposta num crescimento dinâmico e sustentado. A nova unidade de produção de Estarreja incorpora a tecnologia de ponta do Grupo, na conversão do gás natural em hidrogénio e monóxido de carbono. A esse respeito, Ron Labarre, vice-presidente do Grupo comentou: "De um modo geral, queremos reforçar a nossa liderança em Portugal e na Península Ibérica e fazer do nome Air Liquide, uma referência ainda maior da indústria dos gases industriais." Esta aposta é mais uma evidência do crescimento dinâmico da Air Liquide, e da sua estratégia de proximidade com os clientes, da qual Estarreja é um exemplo. Ao privilegiar a competência tecnológica, a inovação e o respeito pelo ambiente, a unidade que se insere neste projecto integrado de expansão do CQE é mais um agregado da aposta do Grupo na competitividade. Na opinião de Luís Ferreira, Responsável de Fábrica: "Este investimento é o reflexo do compromisso da Air Liquide para com os seus clientes e permite criar condições para responder às suas necessidades actuais e futuras de um modo mais efectivo, acrescentando valor às respectivas actividades."



António Maria Melchor, Castro Guerra, Ron Labarre, José Sócrates, Luís Ferreira



José Sócrates e João de Mello





CUF-QI: líder ibérica

Com a maior fatia de investimento, 125M€, a CUF posiciona-se como uma das cinco primeiras do sector químico a operar na Península Ibérica e o Grupo tornou-se num dos maiores da Europa com tecnologia própria. Estarreja é o exemplo do conceito de competitividade que a CUF quer exportar, para se assumir internacionalmente. Ao estar próxima dos seus clientes, a CUF pode, assim, fornecer a matéria-prima através de uma ligação directa, em *pipeline*. O sistema acarreta uma maior eficácia logística e vantagem ambiental, diminuindo a perigosidade de transporte dos produtos. João de Mello, presidente da CUF, pretende exportar este conceito, pois, segundo afirmou ao Expresso, em 25/07/2009, o sistema de integração industrial de Estarreja possibilita “importantes sinergias operacionais e criação de valor conjunto.”



Dow Portugal: referência europeia em PMDI

Ao duplicar a capacidade produtiva de PMDI, a Dow Portugal, filial da multinacional The Dow Chemical Company, uma das maiores companhias mundiais da indústria química, tornou-se num dos centros de produção de PMDI mais competitivos da Europa e estratégico para o negócio global de poliuretanos da companhia. “Estamos muito orgulhosos pelo facto de Estarreja se ter tornado numa das instalações de produção mais importantes do mundo. A excelência operacional dos nossos colaboradores, o empenho e o apoio do governo português foram fundamentais para que isso acontecesse”, comentou o presidente da Dow para a região ibérica, Anton Valero. A Dow Portugal inaugurou ainda uma segunda linha de produção de Styrofoam™, a marca das placas rígidas de poliestireno extrudido da The Dow Chemical Company.



Washington Dantas, José Sócrates, José Eduardo de Matos, Markus Wildi e Pat Dawson

CIRES

integra uma das maiores empresas químicas mundiais

A Companhia Industrial de Resinas Sintéticas, CIRES, S.A. foi adquirida na totalidade pela Shin-Etsu Chemical, Co.Ltd., na sequência da Oferta Pública de Aquisição concluída em Agosto do ano transacto.

A Shin-Etsu, accionista de relevo da CIRES desde a sua fundação em 1960, irá manter a actividade desenvolvida pela empresa e suas associadas - Previnil, Bamiso e Sociprev em Portugal, e Compuestos y Granzas em Espanha - em linha com a prática e estratégia correntes, assegurando a normalidade das operações e a continuidade da missão da empresa. Todavia, a integração na Shin-Etsu potencia uma alteração qualitativa fundamental no desenvolvimento da CIRES, viabilizando a sua integração a montante e conferindo-lhe uma dimensão estratégica internacional acrescida, factores de enorme importância no actual contexto da globalização.

A Shin-Etsu, www.shinetsu.co.jp, é uma das principais empresas químicas mundiais com mais de 19 mil empregados e um volume de negócios consolidado da ordem dos 10 mil milhões de euros focado em 3 principais áreas de negócio: Química Orgânica e Inorgânica (52,4%), Materiais Electrónicos (38,9%) e Materiais Funcionais e Outros (8,7%). A Shin-Etsu é o maior fabricante mundial de PVC, com uma capacidade de produção superior a 3,8 milhões de toneladas baseada em três pólos principais: Estados-Unidos (68%), Europa (17%) e Japão (14%). Detém também uma posição de liderança mundial noutros fabricos, designadamente, *chips* para computadores, derivados de celulose, e magnetes de terras raras e quartzo sintético, sendo ainda o 3º maior produtor de silícones (1º no Japão).

No ano em que está a comemorar 50 anos de actividade em Estarreja, a CIRES apresenta-se assim mais sólida e mais preparada para enfrentar com sucesso os exigentes desafios do futuro.





Perfis obtidos por extrusão

Investigação e Desenvolvimento

Compósito de madeira e plástico

A produção de compósitos madeira/plástico é actualmente um dos sectores mais dinâmicos da indústria dos plásticos. Embora a tecnologia não seja recente existe um interesse crescente nestes materiais, que conjugam as melhores características da madeira e do plástico, e que têm demonstrado enormes potencialidades para responder eficazmente às solicitações num leque cada vez mais alargado de aplicações.

A CIRES, enquanto produtora de policloreto de vinilo (PVC), o segundo polímero termoplástico com maior consumo mundial, está atenta à evolução do mercado e à introdução de novos produtos com elevado valor acrescentado. Neste âmbito, a empresa tem em curso um projecto de I&D com vista a aprofundar o know-how de produção de compósitos madeira/PVC destinados a aplicações rígidas, tendo como alvo preferencial o sector da construção.

Os compósitos madeira/plástico - vulgarmente designados pela sigla WPC (Wood Plastic Composites) - são materiais híbridos produzidos a partir de misturas de madeira, polímeros termoplásticos e aditivos.

Tipicamente estes compósitos contêm uma elevada percentagem de madeira (40 a 70%), que pode ser incorporada sob a forma de pó ou fibras.

Em termos ambientais, os compósitos madeira/plástico são materiais muito atractivos, já que permitem o aproveitamento de aparas e serrim de madeira que de outro modo não seriam tão valorizados, o que lhes permite a classificação de materiais amigos do ambiente. O avanço tecnológico alcançado nas últimas décadas tem permitido o fabrico de produtos de elevado valor acrescentado, mesmo quando são obtidos a partir de materiais considerados menos nobres, como os resíduos provenientes do tratamento mecânico da madeira e os termoplásticos reciclados.

Os compósitos com PVC são maioritariamente utilizados no fabrico de perfis de janelas e de *decks*, apresentando particular apetência para aplicações no exterior devido à sua grande capacidade de resistência à intempérie. Comparados com os produtos tradicionais de madeira, os WPCs têm maior capacidade de adquirir novas formas e possuem maior resistência à humidade e aos ataques de fungos e insectos, de onde resulta uma excelente resistência ao envelhecimento, sem necessidade de pré-tratamento. Por outro lado, quando comparados com os plásticos sintéticos, destacam-se por terem um preço potencialmente inferior, uma estética mais apelativa (aparência da superfície e sensação ao toque semelhantes aos da madeira) e propriedades técnicas melhoradas (maior rigidez, melhores propriedades mecânicas, menor coeficiente de expansão térmica). A sua durabilidade é superior à da madeira comum, com tempos de vida esperados de 25-30 anos.

Exemplos de aplicações dos WPCs.

O mercado mundial dos WPCs apresenta promissoras perspectivas de desenvolvimento.





Mais informação em www.pacopar.org

Três anos depois de ter inaugurado a sua presença na *Internet*, o PACOPAR renovou a sua página electrónica, no início de 2009. Com uma reestruturação gráfica e de conteúdos, pretendeu-se tornar a página www.pacopar.org numa plataforma de informação mais funcional e dinâmica, aprofundando assim a comunicação do Painei com a comunidade.



PACOPAR na II Semana da Protecção Civil de Estarreja

O Painei participou na II Semana da Protecção Civil de Estarreja, com a realização da palestra "O PACOPAR no âmbito da Protecção Civil." A conferência, que decorreu no dia 13 de Março, no auditório da Biblioteca Municipal de Estarreja, foi proferida para estudantes da Escola EB 2,3 de Pardilhó e para utentes do lar da Quinta do Rezende.

AMUPB entra para o Painei

A Associação de Moradores da Urbanização da Póvoa de Baixo (AMUPB) passou a ser um membro oficial do PACOPAR no dia 19 de Março de 2009, ao assistir à sua primeira reunião trimestral. A integração desta colectividade vai ao encontro do objectivo do Painei de diversificar a representatividade da comunidade de Estarreja.



PACOPAR e RVR

Em 2009, a cooperação entre o PACOPAR e a Rádio Voz da Ria continuou a reflectir-se na discussão de temas de interesse para a comunidade local, com a realização de debates em directo. "Os Bombeiros e a sua Relação com a Comunidade" e "O Pólo Químico de Estarreja, o passado, o presente e o futuro", que tratou a concretização dos projectos de expansão de capacidade produtiva das empresas Dow, CUF e Air Liquide, foram os programas realizados no ano passado.

breves



Nove projectos contemplados com donativos

O PACOPAR contemplou, no ano passado, nove projectos com apoios financeiros, num total de 73 mil euros. Seis projectos na área da educação, dois na de apoio social e um na de associativismo e desporto foram os contemplados. As escolas EB1 de Santo Amaro, EB1 de Canelas, EB1 de Pinheiro – Veiros, EB1 Terra do Monte, de Fernelã, Escola Secundária de Estarreja, Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Primária e Pré do Agro, a Associação Quinta do Rezende, a ASE – Associação de Solidariedade Estarrejense e o Arsenal de Canelas foram os contemplados.



Homenagem a Castro Valente

Por ocasião da saída de Castro Valente do comando dos Bombeiros Voluntários de Estarreja, o PACOPAR prestou uma homenagem ao homem que prestou 50 anos de serviço voluntário aos soldados da paz e que foi uma presença assídua no Painel, com uma contribuição activa para a sua evolução. Os membros do PACOPAR presentearam o ex-comandante com uma lembrança e foram unânimes no reconhecimento do valioso contributo de Castro Valente para a segurança em Estarreja.



PACOPAR aprova Plano Estratégico

O PACOPAR aprovou, no final de 2009, o Plano Estratégico 2010-2012, que estabelece os objectivos futuros do Painel, com um forte incremento na melhoria de metodologias de trabalho e de novas actividades nas áreas de ambiente, prevenção de riscos, enquadramento paisagístico e comunicação. O documento aprovado define ainda a figura de um coordenador, para cujo cargo foi convidado José Fernando Correia, um dos fundadores do PACOPAR, enquanto funcionário da Dow Portugal, e que exercerá a função em regime de voluntariado. O documento tem efectividade desde o início deste ano, quando se iniciou o secretariado da Air Liquide.



À descoberta da ciência e do mar

No dia dez de Fevereiro, os alunos da escola Padre Donaciano de Abreu Freire visitaram o Museu Marítimo, em Ílhavo, e a Fábrica da Ciência Viva, em Aveiro. Os estudantes conheceram as particularidades da pesca do bacalhau e visitaram a réplica do barco "Faina Maior", ficando a saber com era a vida dos antigos pescadores de bacalhau, em contraste com as modernas técnicas de pesca que puderam observar na visita ao navio Santo André. A tarde foi passada na Fábrica da Ciência Viva, onde observaram e realizaram várias experiências.



TJA - na senda da sustentabilidade

A TJA está a desenvolver projectos que visam a economia de combustível e, consequentemente, reduções ao nível de impacto ambiental. Os projectos em curso vão desde a incorporação de combustíveis alternativos nos tractores, a acessórios aerodinâmicos para os reboques e culminam no desenvolvimento de raiz de uma cisterna de combustíveis totalmente revolucionária em termos aerodinâmicos. Com estas acções, a TJA pretende obter uma redução de consumo de gasóleo e contribuir para um melhor ambiente, não esquecendo, a redução de custos.

Eficiência energética na UA

Cumprindo o seu papel de responsabilidade social na sociedade e racionalizando a sua gestão financeira, a Universidade de Aveiro (UA) está, desde Novembro de 2009, a produzir energia para consumo próprio, através da instalação de 920 painéis fotovoltaicos, um projecto implementado no âmbito do programa "Eficiência Energética na UA", co-financiado pelo Governo. Os painéis instalados alimentam o consumo de dois edifícios da UA, que prevê a expansão das instalações fotovoltaicas.

ESE cria Gabinete de Informação para a Sexualidade

A implementação do projecto "3 SSS: Segurança, Saúde, Sustentabilidade", iniciado pela Escola Secundária de Estarreja (ESE) no ano lectivo 2009/2010, apoiado pelo PACOPAR, permitiu a criação de um Gabinete de Informação e Apoio, no âmbito da Educação para a Saúde e Sexualidade. A funcionar dois dias por semana, na escola, este serviço tem ainda uma parceria com o Centro de Saúde de Estarreja, com enfermeiros disponíveis um dia por semana para atendimento à comunidade estudantil. Ao longo do ano lectivo, a ESE tem ainda realizado várias actividades de educação para a saúde e promoção de uma alimentação saudável.



Acções desenvolvidas pela APEQ em 2009

Actuação Responsável®

Responsible Care®

Reuniões e Relatórios

Retomaram-se as reuniões periódicas e foram apresentados e aprovados os Relatórios de 2000-2006, de 2007 e aprovadas as alterações propostas pela APEQ ao "Guia de Indicadores de Desempenho AR".

(consultar www.apequmica.pt)

CEFIC - Conseil Europeen de L'Industrie Chimique - Assembleia Geral

Teve lugar em Lisboa de 2 a 5 de Outubro de 2009, sob o tema "Beyond the crisis, challenges and opportunities for the chemical industry", ocasião em que o Presidente da APEQ proferiu um discurso sobre este tema, muito apreciado.

Website APEQ

No início de 2009, foi lançado o novo site da APEQ - www.apequmica.pt - com área pública e outra reservada aos Associados, tendo passado a ser o órgão privilegiado da informação da APEQ.

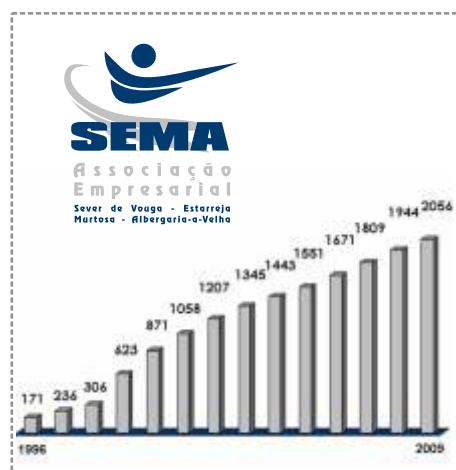
Outras Entidades

AIPQR - Associação das Indústrias da Petroquímica, Química e Refinação

Tendo sido criada esta Associação destinada à dinamização do Pólo de Competitividade e Tecnologia das Indústrias de Refinação, Petroquímica e Química Industrial, à captação de novos investimentos e ao desenvolvimento do conhecimento nas respectivas áreas, a APEQ tornou-se seu membro e colaboradora.

Apoio aos Associados

Dadas as circunstâncias especiais de crise económica, todos os Colaboradores da APEQ deram especial atenção aos problemas dos Associados, contactando-os, visitando-os pessoalmente, dando-lhes ajuda pelos peritos mais qualificados para tal, sempre que necessário.



SEMA ultrapassa 2000 associados

Em 2009, a SEMA - Associação Empresarial dos concelhos de Sever do Vouga, Estarreja, Murtosa e Albergaria-a-Velha - não quebrou a sua contínua tendência crescente do número de associados, atingindo os 2056. Fundada em 1996, com 171 associados, este progresso revela a utilidade e vitalidade da associação. Entre os vários serviços que presta aos associados, estão a assessoria, a formação e a certificação. Em 2009, a SEMA formou 852 pessoas em cursos co-financiados, e 258 em cursos não financiados, e teve um volume de negócios de 45 mil euros, na área de Autocontrolo Alimentar.



Agrupamento de Escolas de Pardilhó - exemplo a ecologia

A Escola EB 2,3 do Agrupamento de Escolas de Pardilhó foi uma das dez premiadas no concurso de fotografia "O Melhor Resíduo é o Resíduo não Produzido", uma iniciativa integrada no programa "Eco-Escolas", do ano lectivo 2009/2010. O retrato da escola, como dizem os alunos, "está implícito nestas fotos. A prática do dia-a-dia, a minimização dos resíduos tóxicos, a maximização da qualidade de vida, individual e colectiva, local e global, assim, fosse esta prática usada em todos os locais e o mundo seria com certeza mais saudável."



Balanço da actividade do PACOPAR

Opinião de José Fernando Correia

Actual Coordenador convidado do Pacopar, Funcionário da Dow Portugal, 1981-2004, responsável pelo Programa Actuação Responsável da Dow Portugal, 1996-2004

Solicitam-me que escreva um artigo sobre a evolução histórica do PACOPAR. Tarefa em que seria bem mais fácil de falar do que de escrever. Bem mais fácil de falar, pois as questões e as memórias ir-se-iam agarrando umas às outras, como as cerejas, fazendo assim uma natural conversa.

Mas escrever é, certo e seguro, bem mais complicado. Tem que se definir um princípio e um fim e, entre ambos, estabelecer um fio condutor. E, sabendo já qual é o princípio, terei agora de procurar o fio condutor.

Quanto ao final, não tenho nem quero ter com que me preocupar, pois o mesmo não se deve sequer equacionar para este projecto. Logo, esta história, não tem ainda um final.

Mas princípio teve, estando na génese do Painel os conceitos internacionais dos CAP (Community Advisory Pannels - Painéis Consultivos Comunitários), em conjunção com os princípios do Responsible Care (Actuação Responsável), que estavam já activos nas empresas do Complexo Químico de Estarreja, desde meados da década de 90, e que serviram de base às primeiras discussões. A estes dois conceitos / princípios, com os quais existiam já alguns modelos instalados no "terreno" internacional, juntou-se a realidade da existência de uma imagem da indústria química local, que poderíamos chamar da imagem "das fábricas" e da reconhecida necessidade de estreitar relações de vizinhança e de dar face e voz aos diferentes condóminos que residem neste vasto condomínio que é Estarreja.

Esta ideia base de se constituir um fórum de discussão paritária, composto por representantes da indústria química e de cada uma das suas unidades, o chamado "rosto" das empresas, com representantes de entidades da Saúde, forças da Protecção Civil e Autarquia, assumiu, na sua fase inicial, as questões da Resposta a Emergência como o seu primeiro tema central.

A partir daqui, o elemento condutor passou a ser o da abertura progressiva, faseada e ponderada, a novas entidades – Educação, Ambiente, parceiros Comerciais e Industriais, Universidade de Aveiro, Associação de Moradores, bem como o da abertura de temas e formas de actuação.

A acção do painel, e convém talvez aqui recordar que PACOPAR significa Painel Consultivo Comunitário do Programa Actuação Responsável, diversifica-se e alarga-se, tanto em acções (Portas Abertas, Seminários, ...), como em apoios (Donativos, Estudos Técnicos, Projectos Comunitários).

A sua acção acaba por, em algumas vezes, extravasar a intenção inicial de Compromisso com os princípios da Actuação Responsável e da Ética da Indústria Química e quase que entra pelos caminhos da interacção comunitária típicos de uma Agenda 21, ainda que de modo informal e subliminar.



Actuais representantes das entidades membros do PACOPAR



ontem, hoje e sempre...

Decorridos 9 anos de actividade intensa e contínua, reconhecido mais no exterior que no interior, como disso faz prova ter sido o PACOPAR recipiente do 1º Prémio Europeu do CEFIC, em 2005, para o melhor Programa Europeu dos princípios da Actuação Responsável, entre 25 candidaturas de 9 países, o painel é hoje um elemento da vida comunitária local, elemento de aproximação entre agentes sociais com diferentes interesses, propiciando abordagens responsáveis e multidisciplinares, enfrentando questões passadas, desafios actuais e perspectivando impactos futuros, a níveis ambientais, económicos e sociais, numa verdadeira integração dos elementos chave do Desenvolvimento Sustentável.

Factos e figuras poderiam, talvez mesmo deveriam, ser citados neste percurso. Mas isso seria em contraponto com a essência deste projecto: uma ideia de colectivo, de paridade, de partilha. Assim, o melhor mesmo é dizer que o mais importante neste projecto é o nós, que nós temos feito e nós vamos continuar a fazer. E também sabemos, sem que tal deva ser visto como vanglória, mas sim como uma forma realista de auto-reconhecimento, que o que tem sido feito é de muitas formas inovador e pioneiro, e, seguramente que a nível nacional e, eventualmente, a nível internacional, poucos haverá com tal participação e abertura.

Não devemos deixar que uma humildade hipócrita nos impeça de ter orgulho em algo que não pode sofrer qualquer estigma pelo simples facto de ter sido "inventado aqui".

O PACOPAR é da comunidade local, é de Estarreja e, como aparece no seu logótipo, Por Estarreja.





Actuação Responsável

Opinião de Lúbia Nogueira Penedo

Directora Geral da APEQ - Associação Portuguesa das Empresas Químicas

O ano de 2009 que findou deixa-nos preocupações que gostaríamos de ter visto resolvidas ou, pelo menos, cuja resolução deveria ter sido iniciada de forma inequívoca. São exemplos disto alguns sectores económicos e organismos públicos que carecem de profunda reforma envolvendo as mentalidades, os comportamentos, uma forte preocupação pela adopção das boas práticas. A recessão, a corrupção, o desemprego, a quebra de vendas incluindo as da indústria química, o encerramento de empresas, as famílias em crise de rendimentos e de recursos continuam a encher os media.

Neste enquadramento e certa de que as mazelas hoje existentes não se resolverão a curto prazo, a APEQ adoptou o seu "Plano de Actividades para 2010", primeiro ano de um Plano Estratégico 2010-2013, sujeito à Missão Estratégica seguinte:

"Conseguir o reconhecimento de que a Indústria Química nacional é indispensável à economia e à sociedade portuguesas e claramente integra os aspectos do Desenvolvimento Sustentável.

Promover a melhoria contínua das suas práticas dentro dos mais elevados padrões de integridade, responsabilidade e inovação".

A crise

Foi, é diferente de todas as que se conheceram até hoje.

Esperava-se que durasse um ano, um ano e tal e ela aí continua sempre mostrando facetas novas de forma subreptícia, fazen-do perder a cabeça a governantes e governados, impedindo que se acredite que algum dia se sairá disto, levando a que se acredite que Portugal se vai afundar.

Esquecem-se as pessoas que os países não naufragam!

Esquecem-se de sorrir, de acreditar que é possível ter melhores dias, porventura diferentes, dispensando algumas mordomias do passado, mas melhores dias.

Esquecem-se ainda que é possível viver bem de muitas outras maneiras diferentes das que conhecemos ou tivemos até agora, mas BEM!

Claro que ainda muita coisa tem que mudar: nos nossos comportamentos, mas também e sobretudo no comportamento daqueles que estão à frente dos nossos destinos e que não só não têm tido a coragem de falar verdade mas, sobretudo, não têm tido a coragem de tomar medidas impopulares sobre a actividade daqueles cujas contas anuais apresentam sempre, sempre, sempre lucros que quase nem sabemos ler, enquanto outros definham e desaparecem deixando atrás de si o desespero do desemprego.

A esperança

A Química é fonte de vida e sem ela não teríamos chegado ao nível de conforto, bem-estar e saúde a que se chegou nos nossos dias.

Mas a Química pode fazer muito mais pela resolução dos problemas: pode ser fonte de soluções para as Alterações Climáticas, pode contribuir muito positivamente para as economias de Energia e para a utilização de energias renováveis ou alternativas, pode, pelas Nanotecnologias, melhorar de forma incalculável as economias sobre os recursos naturais, os processos de produção e as formas de utilização, tornando-as mais eficazes e menos geradoras de resíduos.

Depois, temos ainda a SUSCHEM – Química Sustentável que dá os primeiros passos e a Química Verde e muito, muito mais. Há razões fortes para a ESPERANÇA, assim haja vontade de agir!

Vontade e Agir são duas palavras-chave. Foram elas que levaram três dos nossos Associados, a CUF, a DOW e o AIR LIQUIDE a afirmar publicamente e a escrever, no início de Julho de 2009, por altura da apresentação da Expansão do Pólo Químico de Estarreja que "duplicar a capacidade de produção é o nosso compromisso para o futuro". Não há melhor exemplo vivido da Esperança que tiveram, da que têm e de como transformaram desejos em vontade e esta em agir!

O PACOPAR e o Futuro

Projectos planeados

Por Paulo Caetano

Se um destes dias ouvir uma sirene e uma grande azáfama para os lados do Pólo Químico de Estarreja, não tema! O mais provável é tratar-se de uma nova simulação de acidente industrial.

No seguimento de um primeiro treino já realizado em Maio, organizado pela CUF, o Grupo de Prevenção de Riscos do PACOPAR prevê, ainda, avançar com outras simulações de desastres industriais. No primeiro caso, encenou-se um acidente com um camião cisterna que transportava ácido clorídrico – cedido pela Transportes J. Amaral. A próxima simulação, que deverá acontecer até meados de Outubro, terá como cenário uma eventual ruptura no pipeline de hidrogénio, seguida de incêndio. A organização deste treino, que vem reforçar o Protocolo de Ajuda Mútua de Estarreja, recairá, fundamentalmente, sobre a Air Liquide.

Os Bombeiros Voluntários de Estarreja e da Feira são os principais colaboradores e, simultaneamente, os grandes beneficiários destas actividades – já que terão treinos em cenários reais e contarão com o apoio dos técnicos das empresas do PACOPAR. Mas o trabalho de formação não se fica por aqui. Os Planos de Emergência também serão disponibilizados aos bombeiros, que ainda realizarão várias visitas às indústrias, como sublinha Maria do Carmo Oliveira, do Grupo de Comunicação: “Queremos mostrar como funcionam as fábricas, assim como os meios disponíveis em caso de emergência. Além disso, daremos formação aos Bombeiros sobre os principais compostos químicos de cada uma das empresas e respectivas fichas de segurança.”



No âmbito do Plano Estratégico do PACOPAR para 2010-2012 ainda está prevista, para Outubro, a plantação de árvores no complexo industrial, que se insere numa acção de sensibilização ambiental. Marisa Machado, do Grupo de Enquadramento Paisagístico, conta que “a ideia é plantar de dentro para fora, ou seja, primeiro promover a arborização no interior dos espaços verdes das indústrias e depois nos acessos.” Também irá ser desenvolvida no site do PACOPAR, pelo Grupo do Ambiente, uma área onde as empresas irão disponibilizar os seus indicadores ambientais. Estas são apenas algumas das actividades previstas. Ao longo dos próximos meses, os vários grupos de trabalho do Pacopar irão realizar, com a população de Estarreja, muitas outras acções. Sempre no espírito de diálogo e transparência que caracteriza a indústria química.

Vêm aí mais actividades...



[CME]



[CME]

Centro de Interpretação Ambiental (CIA)

O CIA, em Salreu, tem guias de visita ao BioRia, um local de repouso, instalações sanitárias e abrigo para bicicletas.

Como visitar e observar?

Prefira a manhã ou o fim da tarde, horas de menos calor, em que os animais frequentemente buscam alimento. Caminhe devagar e fale baixo.

Como chegar?

Carro: se vier do norte ou sul, siga pela A1, ou A29, e saia para Estarreja. De Aveiro, pelo IP5, saia para Estarreja. Siga as instruções para cada percurso.

Percurso de Salreu (2km)

Comboio: saia no apeadeiro de Salreu e comece a visita.

Carro: na EN109 siga em direcção a Salreu e corte em "Percurso de Salreu-BioRia".

Percurso do Rio Jardim | Canelas (2km) e

Percurso do Bocage | Salreu / Canelas (4km)

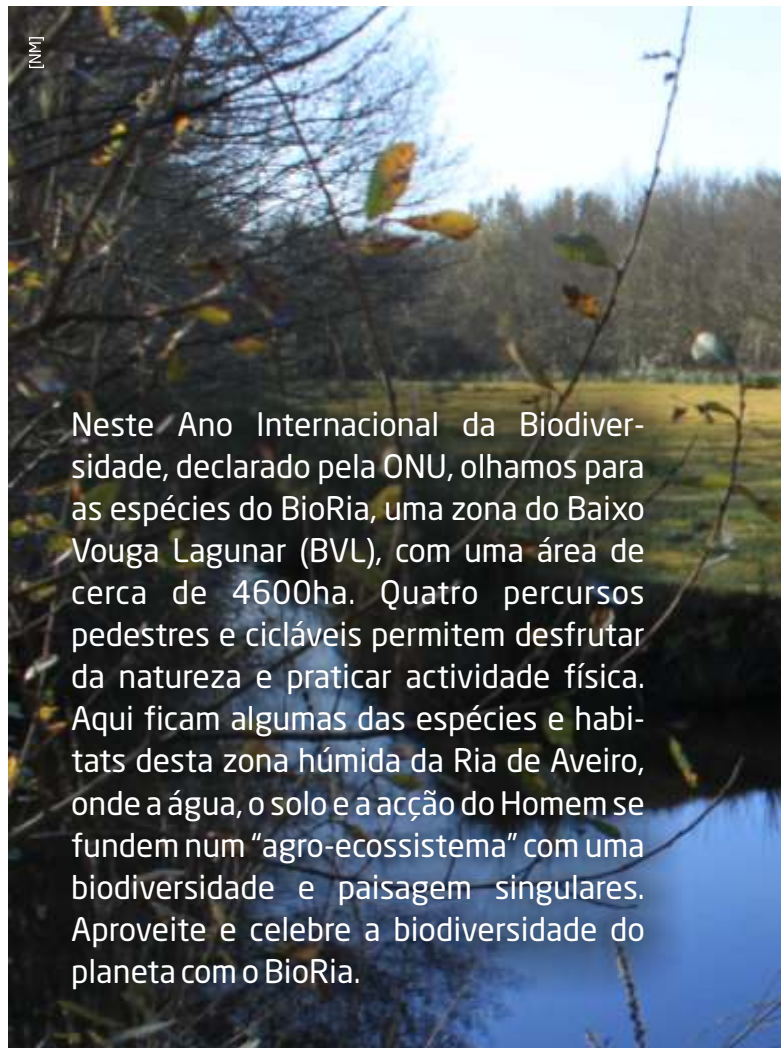
Comboio: saia no apeadeiro de Salreu e veja as indicações (500m para sul).

Carro: de Aveiro – na EN109, em Canelas, siga "Percursos de Canelas - BioRia"; de norte/sul – na EN109, em Salreu, siga "Percurso de Salreu-BioRia", até ao CIA.

Percurso do Rio Antuã | Beduído/Salreu (6km)

Comboio: saia na Estação de Estarreja e veja as indicações (500m para sul).

Carro: de Aveiro - na EN109, em Salreu, saia em "Percurso de Salreu - BioRia"; do Norte/Sul - em Estarreja, siga a direcção "Praias". Após passar a ponte sobre a linha do caminho-de-ferro, na primeira rotunda, siga a direcção "Esteiro".



[NM]

Neste Ano Internacional da Biodiversidade, declarado pela ONU, olhamos para as espécies do BioRia, uma zona do Baixo Vouga Lagunar (BVL), com uma área de cerca de 4600ha. Quatro percursos pedestres e cicláveis permitem desfrutar da natureza e praticar actividade física. Aqui ficam algumas das espécies e habitats desta zona húmida da Ria de Aveiro, onde a água, o solo e a acção do Homem se fundem num "agro-ecossistema" com uma biodiversidade e paisagem singulares. Aproveite e celebre a biodiversidade do planeta com o BioRia.



[NM]

Livro "Estarreja Património Natural – BioRia"



Lazer

A fauna e flora do Baixo Vouga Lagunar

Celebre o Ano Internacional da Biodiversidade com o BioRia

Por Dina Sebastião

+ INFO WWW.BIORIA.COM

A Lontra

Comum em toda a região, a lontra é particularmente adepta dos esteiros e valas, também importantes para um conjunto de espécies aquáticas e “piscícolas que neles se deslocam até às zonas de desova.”

As Aves

As aves aquáticas são das espécies mais abundantes no BioRia. “As garças são, talvez, juntamente com algumas espécies de gaivotas, das mais fáceis de observar”, principalmente no Inverno, quando migram para o Sul.

“No início da Primavera chegam os Perna-longa”, que nidificam nos tanques e muros das salinas e se passeiam pelos arrozais da zona de Salreu-Canelas. Mais difíceis de observar são os patos, com hábitos de alimentação nocturnos. As aves de rapina, como a coruja-das-torres, a coruja-do-nabal, o bufo-pequeno, a águia-de-asa-redonda, o milhafre e a águia-sapeira, também podem ser observadas. O BioRia acolhe ainda “espécies de aves de pequeno porte, típicas de zonas agrícolas e florestais, como as “trepadeiras, piscos ou chapins.”

Os habitats

Juncal

O junco das esteiras abunda no BioRia, “denominando-se este povoamento por juncal.” Além de ter uma função agrícola, para fazer as camas do gado e produzir estrume, o junco fornece alimento a várias aves, sendo um local de “refúgio para límcolas, patos e garças.”

Sapal

Os sapais estão, periodicamente, submersos, com vegetação “bem adaptada à salinidade”, que “desempenha um papel importante na retenção de poluentes.” São habitats importantes para espécies como os patos, algumas límcolas e a águia-sapeira.

Caniçal

Um povoamento de puro caniço, que surge com o aumento de proporção de água doce, a favorecer o aparecimento de plantas higrófitas, abrigo e local de nidificação da águia-sapeira e da garça-vermelha. A Ria de Aveiro alberga 25%, dos quais cerca de metade no BVL, da população nacional de águia-sapeira (cerca de 68 casais).

Bocage

No BVL encontra-se “o mais extenso e genuíno ‘Bocage’ do território português.” Trata-se de “um ecossistema em estrutura de campo fechado com vegetação arbórea e arbustiva, limitando campos de cultivo, pastagens e pousios e linhas de água”, com “elevado potencial biológico.”

Biografia

António Caetano de Abreu Freire Egas Moniz, Prof. Egas Moniz, (Avanca, 29 de Novembro de 1874 — Lisboa, 13 de Dezembro de 1955) foi um médico, neurologista, investigador, professor, político e escritor português. Foi galardoado com o Prémio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1949, partilhado com Walter Rudolf Hess. Considerado um pioneiro nos campos da neurologia e da psiquiatria, executou o primeiro exame designado angiografia cerebral em 1927 e concebeu a incisão na zona frontal no cérebro – leucotomia pré-frontal – descoberta que lhe valeu o Nobel.



Como chegar à Casa Museu Egas Moniz:

De Comboio: a estação de Avanca encontra-se a 5m a pé
De Carro: na auto-estrada, saia para Estarreja. Apanhe a EN 109, em direcção a Avanca. Após 2,9km, vire para a Rua Prof. Dr. Egas Moniz. 1,6km depois vire para a Rua de Santa Luzia e encontra a Casa Museu.

Horário: Segunda a Sexta: 9h-12h; 13h30-16h30
Sábado e Domingo: 14h-17h



Lazer

Visita à Casa-Museu Egas Moniz

O cientista visto na sua intimidade

Por Ana Paula Valente

Egas Moniz (Prémio Nobel da Medicina em 1949) quis, em testamento, que a sua casa, um edifício ao estilo Arte Nova, reconstruída segundo um projecto do arquitecto suíço Ernesto Korrodi em 1915, bem como a vizinha Quinta do Marinheiro, fossem destinadas a Casa-Museu e Escola de Artes e Ofícios. Foi aliás o próprio que “desenhou” e plasmou no seu testamento o detalhe da organização do museu.

No livro escrito por Egas Moniz, “A Nossa Casa”, está descrita a importância que a “Casa do Marinheiro” teve para o Prémio Nobel. As memórias da sua vida estão intimamente ligadas àquela habitação: a sua infância e mais tarde o seu esconderijo de investigação ou apenas um canto onde encontrava a paz fora do rebuliço lisboeta e das grandes capitais mundiais para onde frequentemente viajava. Somos surpreendidos com a sua presença latente em toda a casa. Desde a entrada até ao último momento da visita, convivemos com a raridade e a riqueza do seu espólio científico e artístico que nos levam de forma inconsciente a relacionar o homem cientista com o homem de inequívoco gosto e predilecção para a arte.

Durante a visita, percorremos as diferentes divisões da casa que foram mantidas tal como seriam no tempo do Prof. Egas Moniz, com o ambiente e os objectos quotidianos intactos. Nelas conseguimos facilmente imaginar os rituais diários: a sala de jogo, onde desfrutava de momentos relaxados com a sua esposa, a sala de jantar com uma magnífica colecção de porcelanas de Cantão, o quarto do casal soleirento, os gabinetes de toilette individuais e personalizados, o oratório da senhora, a capela e o gabinete de trabalho do professor.

Numa das divisões da residência foi criado, segundo vontade expressa do prémio Nobel, um espaço dedicado às suas investigações e descobertas. Nela podem ser observados os objectos referentes às suas investigações científicas da Angiografia, bem como a exposição gráfica das etapas sucessivas das investigações científicas que conduziram à primeira visualização radiológica das artérias cerebrais do Homem vivo e da leucotomia pré-frontal.

Egas Moniz conseguiu ao longo da sua vida adquirir belíssimas peças que passam por inúmeras colecções e que hoje podemos admirar na Casa-Museu, como é o caso de peças de Porcelana da Companhia das Índias, Cantão, Saxe, Sèvres, Porcelanas e Faianças antigas Portuguesas da Vista Alegre, bem como cristais portugueses da fábrica da Marinha Grande e da Boémia.

Podemos ainda admirar obras representativas da pintura portuguesa de Carlos Reis, João Reis, Falcão Trigoso, Eduarda Lapa, Silva Porto, Henrique Medina, José Malhã, Abel Salazar, entre outros, gravuras, escultura, desenhos, ourivesaria e tapeçaria, peças de rara beleza que nos permitem vislumbrar um pouco da personalidade de Egas Moniz.

<http://museuegasmoniz.cm-estorreja.pt>

**Agrupamento de Escolas de
Avanca - Prof. Dr. Egas Moniz**

Rua do Morgado, 120
3860-127 Avanca
Tlf: 351 234 850 120
Professora - Alice Fragateiro
E-mail: fragateiro@megamail.pt
Professora - Ana Monteiro
E-mail:
ana.pereiramonteiro@gmail.com

**Agrupamento de Escolas de
Estarreja**

Rua da Arrotozinha - Apartado 25
3830-207 Estarreja
Tlf: 234 840 640
Professor - João Tavares
E-mail: adjunto1ceb@gmail.com

**Agrupamento de Escolas de
Pardilhó**

Rua Padre Garrido, apartado 8
3869-464 Pardilhó
Tlf: 234 850 150
Professora - Leontina Pinto
E-mail: lapp.530@gmail.com

**Air Liquide
Sociedade Portuguesa do Ar
Líquido**

Apartado 91 | 3861-208 Estarreja
Tlf: 234 840 500
Director Fabril: Luís Ferreira
E-mail: luis.ferreira@airliquide.com

**APEQ - Associação Portuguesa
das Empresas Químicas**

Avenida D. Carlos I, 45 - 3º
1200 - 646 Lisboa
Tlf: 213 932 060
Fax: 213 932 069
Directora-geral - Lubélia Penedo
E-mail: lpenedo@apequimica.pt

AQP

Aliada Química de Portugal, Lda

Quinta da Indústria, Beduído
3860-680 Estarreja
Tlf: 234 810 300
Director Geral: Alvarim Padilha
E-mail: alvarim.padilha@cuf-qi.pt

**Associação de Moradores da
Urbanização da Póvoa de Baixo**

Apartado 43 | 3860 Estarreja
Tlf: 234845385
Representante: João Vinha
E-mail: joaovinha1@gmail.com

Bombeiros Voluntários de Estarreja

Rua Desembargador Correia Pinto
Apartado 76 | 3864-909 Estarreja
Tlf: 234 842 303
Comandante - Ernesto Rebelo
E-mail:
bvestarreja.comando@mail.telepac.pt

Câmara Municipal de Estarreja

Praça Francisco Barbosa
3864-001 Estarreja | Tlf: 234 840 600
Presidente - José Eduardo de Matos
E-mail: jose.eduardo.matos@cm-
estarreja.pt
Tec. Sec. Amb. e Qualidade: Luísa Barrosa
E-mail: saq@cm-estarreja.pt

**Cegonha - Associação de Defesa do
Ambiente de Estarreja**

Apartado 100 | 3860 Estarreja
Tlf: 966551372
Representante: Miguel Oliveira e Silva
E-mail: mos@det.ua.pt

Centro de Saúde de Estarreja

Rua Almeida Eça - Teixugueira
3860-335 Estarreja | Tlf: 234 810 600
Director - J. M. Vera Cruz Félix
E-mail: csestarreja_sam@csestarreja.min-
saude.pt
Delegada de Saúde Concelhia:
Mª Ofélia Almeida
E-mail: asestarreja@csestarreja.min-
saude.pt

contactos

Cires S.A.

Apartado 20, Samouqueiro - Avanca
3864-752 Estarreja
Tlf: 234 811 200
Director Geral Industrial:
Hélder Paula
E-mail: helder.paula@cires.pt
Relações com a Comunidade:
Paulo Jorge
E-mail: paulo.jorge@cires.pt

CUF - Químicos Industriais

Quinta da Indústria - Beduído
3860-680 Estarreja
Tlf: 234 811300
Administrador Delegado:
João Fugas
E-mail: joao.fugas@cuf-sgps.pt
Comunicação - Paulo Caetano
E-mail: paulocaetano@cuf.pt
Dir. Inovação e Novos Projectos:
Almeida Santos
E-mail: diogo.santos@cuf-qi.pt

Dow Portugal

Rua do Rio Antuã, nº 1
3860-529 Beduído - Estarreja
Tlf: 234811000
Director Geral - Eduardo Gadea
E-mail: egadea@dow.com
Coord. Ambiente, Saúde e
Segurança - Renata Santos
E-mail: nsantos@dow.com

Escola Secundária de Estarreja

Rua Dr. Jaime Ferreira da Silva
3860 Estarreja
Tlf: 234 841 704/5
Professora- Rosa Domingues
E-mail: esc.se@mail.telepac.pt

GNR de Estarreja

Rua Dr. Pereira de Melo, nº 188
3860-375 Estarreja
Tlf: 234 810 690
Comandante - Davide Baptista
E-mail: baptista.dsr@gnr.pt

Hospital Visconde de Salreu

Av. da Agra
Apartado 46
3860-201 Estarreja
Tlf: 234 810 000
Director - Pedro Almeida
E-mail: pca@hvsalreu.min-saude.pt

SEMA - Associação Empresarial

Rua Dr. Alberto Vidal, 63
3860-368 Estarreja
Tlf: 234 843 689
Presidente: José Teixeira Valente
E-mail: josevalente@sema.pt

Transportes J. Amaral

Rua Dr. José Justiniano, 195 -
Apartado 11
3860-371 Estarreja
Tlf: 234 840 800
Resp. Qualidade, Ambiente e
Segurança - Maria Manuel Gamelas
E-mail: maria.gamelas@tja.pt

Universidade de Aveiro

Campus Universitário de Santiago
3810-193 Aveiro
Telf: 234 370 200
Professora - Myriam Lopes
E-mail: myr@dao.ua.pt

www.pacopar.org



secretariado:
Air Liquide
Tel. 234 840 500
E-mail info@pacopar.org

